



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

Com os pés no mundo

ESPORTE

Alunas da ESEF são gandulas em jogos de futebol



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

Grças a uma parceria entre a Federação Gaúcha de Futebol (FGF) e a Escola de Educação Física da UFRGS, desde o ano passado, o Rio Grande do Sul tem gandulas femininas nos jogos da dupla Gre-Nal no Campeonato Brasileiro e na Copa do Brasil. As 16 alunas foram selecionadas pelo professor da disciplina de Futebol – Fundamentos, Luiz Fernando de Moraes, e pelo técnico administrativo Vili Tissot, que foi árbitro da Federação por duas décadas. Além de terem cursado a disciplina, as estudantes participaram de reuniões e treinamentos na sede da ESEF e no estádio do Esporte Clube São José. Inicialmente nervosas com a dimensão dos eventos, hoje as jovens se sentem à vontade em campo e recebem elogios da FGF. **P7**

Mobilidade acadêmica amplia intercâmbio cultural

Os programas de intercâmbio favorecem a troca de experiências internacionais. Para a russa Ana, o francês Enrique, a argentina Olga e a uruguaia Denisse (em sentido horário), essa é uma chance de complementar os estudos em um país estrangeiro. Para os brasileiros, representa o contato com outras realidades dentro da UFRGS. **Página Central**

MOBILIZAÇÃO

Entidades discutem violência e justiça social

Doze entidades gaúchas realizaram, de 14 a 24 de junho, a Jornada contra a Violência e por Justiça Social, evento do qual a UFRGS participou com o DCE e o grupo de pesquisa Violência e Cidadania. O antropólogo Luiz Eduardo Soares, presente no encontro, enfatizou uma dimensão da violência que ultrapassa as responsabilidades da União: a crueldade de criminosos que mutilam e matam suas vítimas. Ao final da jornada, foram encaminhadas propostas à Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa. **P12**

COREIA DO NORTE

Especialistas analisam crise nuclear

Para o professor de Relações Internacionais Paulo Visentini, o mundo não está ameaçado pela Coreia do Norte, pois o programa nuclear seria a única moeda de troca do país na tentativa de fazer com que os EUA assinem um tratado de paz que garanta a cooperação econômica e a soberania da nação. Segundo ele, essa crise é um jogo calculado. **P10**

ACERVOS LITERÁRIOS

Apesar da vida simples, o destino de Quintana também é a mansão Salles

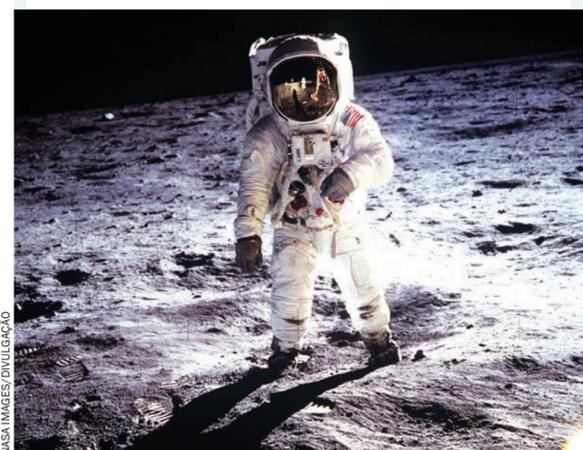
A decisão da sobrinha-neta Elena, herdeira de Mario Quintana: seu acervo literário vai para o Instituto Moreira Salles em sistema de comodato por 10 anos. Falando sobre os itens que permanecerão no RS, as profissionais responsáveis por eles, Rossana Vecchio e Michele Zgiet de Carvalho, comentam a ausência de objetos de arte, dizendo que o escritor era simples. Devido ao fato de haver morado em um quarto

de hotel – o antigo Hotel Majestic, hoje Casa de Cultura Mario Quintana –, a biblioteca que restou não corresponde ao que o escritor tinha e leu, explicam a professora de Literatura Michele e a própria Elena Quintana. O envio dos espólios do poeta e de Erico Verissimo para o Rio de Janeiro suscita a discussão sobre a função de um acervo e a infraestrutura que ele demanda. **P13**

TECNOLOGIA

O caminho de volta da pesquisa espacial

Os avanços científicos da pesquisa espacial estão mais próximos da vida das pessoas do que se pode pensar. Mesmo que não percebamos, nosso cotidiano está invadido por tecnologias que, originalmente, foram concebidas para dar suporte a satélites, foguetes e astronautas. Um período de tensão militar – a Guerra Fria – alimentou passadas largas em áreas como a informática, a comunicação e a medicina. Tudo indica que a invasão irá continuar. **P11**



MASA IMAGES/DIVULGAÇÃO

OPINIÃO

Jornalismo não é arte: professores da Fabico criticam decisão do STF

Página 2

MEMÓRIA

Pesquisadora analisa descaso com importante arquivo histórico

Página 4

CARREIRA ACADÊMICA

Núcleo de Apoio ao Estudante oferece atendimento personalizado

Página 6



Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

75 anos de ensino, desafios e crescimento

O dia 28 de novembro marcará os 75 anos da criação da Universidade de Porto Alegre. A Instituição surgiu com a fusão da já existente Faculdade de Medicina (com as Escolas de Farmácia e Odontologia), da Escola de Engenharia (com os cursos de Agronomia e Veterinária), da Faculdade de Direito (com sua Escola de Comércio) e do Instituto de Belas Artes. Na década de 40, passou ao encargo do Estado, como Universidade do Rio Grande do Sul, e foi posteriormente federalizada nos anos 50. Mas continua a ser, e sempre será, a universidade dos porto-alegrenses e dos gaúchos, profundamente enraizada e inserida neste estado tão importante para a vida republicana do país.

Desde 1934, a história da UFRGS vem sendo escrita a partir dos desafios enfrentados, das conquistas alcançadas e da qualidade crescente dos seus quadros de docentes, de servidores técnico-administrativos e de estudantes, sempre em sintonia com as demandas da sociedade gaúcha. Oferecendo mais de 70 cursos de graduação e pós-graduação, com uma comunidade de 40 mil pessoas e

executando o terceiro orçamento do estado, a UFRGS é também uma das maiores universidades públicas brasileiras. E estamos trabalhando fortemente para realizar o crescimento projetado de 30% para o período 2008-2012 em todas as atividades acadêmicas.

A fim de marcar esse jubileu, foi concebida uma programação para atender às comunidades interna e externa. No dia 3 de junho passado, foram lançados a logomarca e o vídeo comemorativo dos 75 anos e inaugurado o Ciclo de Conferências 2009, que tem por foco o debate de temas atuais e de grande interesse social, como a crise, a evolução, a astronomia, a violência. Ainda na esfera acadêmica, foi programada Aula Magna para a abertura do semestre 2009/2, que versará sobre Charles Darwin. No ano dedicado à celebração do bicentenário de nascimento do naturalista inglês, está prevista a realização de um simpósio de divulgação científica, no qual especialistas apresentarão palestras e atividades para estudantes de escolas de ensino médio. Também serão lançados um selo e um carimbo

comemorativos pelos Correios, e serão editados dois livros: um sobre o papel da UFRGS no desenvolvimento do estado e do país e outro com imagens desse percurso de 75 anos. Finalmente, a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre nos brindará com um concerto especial no dia 29 de novembro. Mas essa programação deve crescer com sugestões e contribuições das Unidades Acadêmicas e dos segmentos organizados, e sempre em concordância com o objetivo maior da Universidade, que é o de qualificar pessoas em todas as áreas do conhecimento e de forma integrada entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Aos completar 75 anos, a UFRGS encontra na sua trajetória a inspiração e a motivação para crescer comprometida com os desafios de seu tempo, integrando-se cada vez mais à sociedade e ampliando sua atuação internacional; uma instituição comprometida com o futuro e com a consciência crítica de seus cidadãos, que prioriza a produção e a democratização do conhecimento, bem como a divulgação da ciência, da arte e da cultura.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Artur Lopes, Daltro José Nunes, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Maria Henriqueta Luce Kruse, Rudimar Baldissera, Sandra de Deus, Sérgio Marley Modesto Monteiro

Editora-chefe
Ania Chala
Repórteres
Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira
Projeto gráfico
Juliano Bruni Pereira
Diagramação
Aluisio Pinheiro
Fotografia
Catinho Andrade e Flávio Dutra
Revisão
Antônio Falcetta
Colaboraram nesta edição
Demétrio Pereira, Jaqueline Crestani, Leila Ghiorzi e Luciane Costa
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotofitos e impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

Perfil

Penso que seria interessante dedicar um desses espaços [Perfil ou Meu Lugar na UFRGS] à professora Eliota Pereira Neves, que em 4 de junho recebeu o título de Professora Emérita da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A professora é egressa da turma de Enfermagem de 1963 da nossa Universidade.

Marilene Schmarczek, professora aposentada da Escola de Enfermagem

Projeto Amora

Na matéria da página central da edição de junho, Educação 2.0, há uma referência inverídica com relação ao Projeto Amora do Colégio de Aplicação. O referido projeto foi criado por um grupo de docentes do próprio colégio em 1995. O LEC e a professora Léa Fagundes se incorporaram ao projeto no final de 1996, após quase um ano de implantação, não sendo, portanto, [a referida professora] idealizadora do projeto. O grupo a que me refiro era coordenado por mim e pela professora Beatriz Corso Magdalena, o que pode ser comprovado pelo documento de criação desse projeto, bem como pelo material que relata todo o processo de construção dessa proposta educativa. Por oportuno, o projeto é fruto do trabalho criterioso e inovador que o Colégio de Aplicação e seus professores sempre desenvolveram na Universidade.

Joyce Munarski Pernigotti, professora do Colégio de Aplicação

NOTA DO EDITOR

O nome correto do aluno do curso de Matemática que apresentou pôster sobre programa que busca contribuir para o aumento das médias das escolas participantes do Enem, durante o 4.º Salão de Graduação, é Gabriel Dummer Camargo. Ao lado de outros nove colegas, ele participa da montagem de laboratórios de matemática em duas escolas da periferia de Porto Alegre: Escola Estadual de Ensino Médio Agrônomo Pedro Pereira e Instituto Estadual Professora Gema Angelina Belia.

Artigo

O STF e o jornalismo do século 19

Com a cabeça no século 19, em um jornalismo de livre opinião que não existe mais, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu por 8 votos a 1, no dia 17 de junho, que a regulamentação da profissão de jornalista é inconstitucional.

A decisão foi baseada em dois argumentos principais: a obrigatoriedade do diploma estaria ferindo a liberdade de expressão, e o jornalismo não exigiria formação superior porque não teria especificidades.

É difícil aceitar essas argumentações. Jornais, revistas, rádios e TVs sempre tiveram colaboradores, e as mídias surgidas na Internet ampliaram o espaço para a pluralidade de opiniões. O jornalismo não é o livre exercício da expressão, e sim o exercício metódico da informação de interesse público.

O mais constrangedor foi o despreparo (desconhecimento) do Supremo sobre o que é o jornalismo. Nossa elite jurídica disse que jornalismo é literatura, é arte, é poesia. Não, não é. Não basta escrever bem para ser jornalista. O talento precisa ser refinado por técnicas: como apurar, como entrevistar, como se relacionar eticamente com as fontes, como traduzir temas complexos para uma linguagem clara, como reconhecer o valor da informação, como redigir, como editar e hierarquizar essas informações e, especialmente, como compreender a imensa responsabilidade dessa profissão.

Para cada veículo, uma linguagem, duramente aprendida durante a graduação. Para cada tipo de informação, um tratamento. Não é à toa que o curso de

Jornalismo da UFRGS tem disciplinas como Teoria e Técnica da Entrevista Jornalística, História da Imprensa, Ética, duas cadeiras de Teoria do Jornalismo e diversas disciplinas práticas de jornalismo para rádio, TV, jornal e web, planejamento gráfico e fotojornalismo.

Além disso, exige-se uma formação humanística sobre cultura, política e cidadania, bem como um elenco de disciplinas eletivas que complementam a formação do aluno.

O curso de Jornalismo da UFRGS tem 57 anos; a regulamentação da profissão, 40. Somos mais antigos do que a lei e seremos mais longevos do que a extinção da lei. Nossa cabeça está no século 21, em um jornalismo cada vez mais rápido, exigente,

responsável e profissionalizado. A lamentável decisão do STF não retira o valor da Universidade nem nosso compromisso com a formação qualificada de jornalistas. Não formamos escritores nem poetas. Isso ficou lá no século 19, junto com os argumentos dos ministros do Supremo.

Ricardo Schneiders*
e Marcia Benetti**

* Diretor da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

** Coordenadora da área de Jornalismo da FABICO

Memória da UFRGS

ACERVO MUSEU DA UFRGS



1912

Escola de Engenharia, situada na esquina das avenidas Osvaldo Aranha e João Pessoa, construída entre 1898 e 1900. A edificação, incluída no projeto de preservação dos prédios históricos da UFRGS, passa por reformas.



Vida acadêmica

Decordi agiliza atendimento a estudantes via Internet



Serviço de tira-dúvidas e expansão do horário de atendimento reduziram filas

Durante o período de matrículas do segundo semestre, a Pró-reitoria de Graduação implantou uma série de mudanças no sistema de atendimento aos estudantes do Departamento de Controle e Registro Discente, mais conhecido como Decordi.

Para qualificar os serviços do órgão, foi criado um serviço de tira-dúvidas pelo e-mail atendimento@prograd.ufrgs.br, direcionado ao momento da matrícula. Além disso, desde o dia 1.º deste mês, o Decordi do Câmpus Centro teve seu horário de atendimento ampliado, passando a funcionar também no intervalo do meio-dia para melhor atender aos estudantes que trabalham. “Estaremos abertos das 8h30min às 17h, e só não estendemos o atendimento até as 19h por uma questão de segurança”, esclarece a diretora do Decordi, Denise Coutinho. O setor dispõe atualmente de seis bolsistas por turno e um servidor. Segundo ela, o ingresso de novos servidores concursados tornará possível alocar mais três funcionários para o atendimento. Os bolsistas que prestam informações nos guichês recebem bolsas da Secretaria de Assistência Estudantil (SAE) e

estão inscritos no programa de benefícios para alunos carentes.

Outra novidade destacada pela diretora é a futura instalação de uma Central de Atendimento ao Aluno no Vale, para facilitar o acesso dos cerca de 12 mil estudantes de graduação que estudam naquele câmpus. “A central funcionará no prédio do Instituto Latino-americano de Estudos Avançados (ILEA) e terá inicialmente uma equipe de quatro servidores e seis bolsistas, com funcionamento ininterrupto das 9h às 19h.”

Denise, que trabalhou na implantação do sistema de matrícula via Internet lançado no segundo semestre de 2004, revela que a agilização do atendimento com o uso dos recursos da rede mundial de computadores era um sonho antigo, mas que muitos dos documentos que os estudantes procuram no Decordi já estão disponíveis no Portal do Aluno: “O problema é que eles não se dão conta disso e procuram atendimento quando poderiam imprimir os documentos de que necessitam via web”. Para saber mais sobre os serviços oferecidos pelo Decordi, basta acessar o site www.prograd.ufrgs.br.

Reconhecimento I

Francisco Salzano é Honoris Causa de universidade francesa

O Professor Emérito e colaborador no Departamento de Genética do Instituto de Biociências da UFRGS Francisco Mauro Salzano recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Paul Sabatier, de Toulouse, França. O professor foi agraciado com o título por conta do programa de pesquisas científicas que vem desenvolvendo com equipes daquela universidade há três décadas. A cerimônia de entrega do título ocorreu no dia 8 deste mês.

Reconhecimento II

UFRGS concede título a jurista italiano

Paolo Grossi, catedrático da Universidade de Florença e ministro da Corte Constitucional Italiana, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* no dia 4 de junho, em cerimônia realizada na Faculdade de Direito. O professor alcançou a honraria por sua contribuição à história do Direito Privado e à compreensão da cultura jurídica contemporânea. Fundador da revista *Quaderni Fiorentini per la storia del pensiero giuridico moderno*, que lançou as bases para a renovação da disciplina histórico-jurídica, Grossi é um dos juristas de maior prestígio no panorama europeu e há décadas mantém laços acadêmicos os membros da Faculdade de Direito da UFRGS.

Olimpíadas Universitárias

Aletas obtêm classificação

Na trigésima edição dos Jogos Universitários Gaúchos, as equipes do Esporte UFRGS sagraram-se campeãs em cinco modalidades: natação masculina, natação feminina, tênis, xadrez e vôlei de areia feminino. Os jogos foram disputados no Centro Natatório da ESEF-UFRGS, na Sogipa, no Grêmio Náutico União e na Ulbra. Ao todo, 21 atletas da Universidade obtiveram classificação para as Olimpíadas Universitárias de 2009, que serão realizadas em Fortaleza (CE) no período de 14 a 23 de agosto.

Música

Pós-graduação lança CD de sonatas brasileiras

Lançado em 24 de junho, o CD *Sonatas Brasileiras*, com o violinista Cármeo de los Santos e o pianista Ney Fialkow, gravado ao vivo em 2000 durante um recital no Auditorium Tasso Corrêa, promovido pelo projeto Unicâmara da Pró-reitoria de Extensão. *Sonatas Brasileiras* registra obras de Villa-Lobos, Cláudio Santoro, Camargo Guarnieri e Francisco Mignone e foi produzido pelo Programa de Pós-graduação em Música do Instituto de Artes. O encarte do disco traz textos de João Marcos Coelho, crítico de música do jornal “O Estado de São Paulo”, e de Celso Loureiro Chaves, professor do Departamento de Música da UFRGS. Cármeo conquistou projeção nacional aos 16 anos quando foi o mais jovem vencedor do VII Prêmio Eldorado de Música, em São Paulo. Estudou no Brasil com Fredi Gerling e concluiu o curso de Bacharelado em Violino na UFRGS. Ney Fialkow foi premiado em diversos concursos, destacando-se os primeiros prêmios nos concursos nacionais de piano da Universidade Católica de Salvador e o Concurso Nacional Edino Krieger. O pianista tem conciliado movimentada carreira de solista e camerista com a atividade de professor do Instituto de Artes UFRGS.



Ensino e Tecnologia

UFRGS organiza 9.ª Conferência Mundial em Computação na Educação

Ampliar e democratizar o acesso aos recursos da informática para qualificar o aprendizado na educação é o foco da 9.ª Conferência Mundial em Computação na Educação, que tem por tema Educação e Tecnologia para um Mundo Melhor. Realizada há quase quatro décadas e pela primeira vez na América Latina, a atividade reunirá pesquisadores de 21 países, que irão explorar diferentes perspectivas relacionadas ao tema, com abrangência de todos os níveis de educação formal e informal. O encontro ocorrerá de 27 a 31 deste mês, em Bento Gonçalves, na sede do Fundaparque.

O evento é organizado pela UFRGS e pela Universidade Federal de Santa Catarina, com apoio da Unesco e dos Ministérios da Educação, Ciência e Tecnologia e das Relações Exteriores. Segundo a coordenadora da conferência, professora Rosa Viccari, serão oferecidos sete cursos dirigidos aos professores de Educação Básica interessados em novas tecnologias e educação. “Disponibilizamos 360 vagas, mas esse número deverá ser ampliado devido à grande procura”,



Evento oferecerá cursos para professores do ensino básico

esclarece. Ela acrescenta que a grande maioria dos cursos será ministrada por docentes ligados ao Programa de Pós-graduação em Informática na Educação da Universidade. “Há todo um esforço por parte da Secretaria de Educação Básica do MEC no sentido de inserir disciplinas de introdução às tecnologias nos cursos de licenciatura.”

Entre os conferencistas convidados, Bernard Cornu, diretor do *Open and Distance Learning Institut* (França);

Troy Cline, integrante da equipe do Fórum Educacional Conexão Terra-Sol, da Agência Espacial Americana (NASA); e, Fredric Litto, presidente da Associação Brasileira de Educação a Distância.

Além da programação oficial, o evento inclui a realização de uma feira de produtos de informática desenvolvidos por universidades, fundações e empresas que atuam na área de Tecnologia da Informação. Mais informações pelo site www.wcce2009.org.



UFRGS TV

Conhecendo a UFRGS

Centro de Ecologia – pesquisa e monitoramento ambiental

Pedro Cassel e Cláudia Cantagalo

Por muito tempo, o homem usou os recursos naturais para seu próprio bem, sem o cuidado de preservar a natureza. Essa irresponsabilidade provocou diversas catástrofes ao redor do mundo. Preocupado com essa questão, o Centro de Ecologia da UFRGS (Ceneco) realiza pesquisas a fim de minimizar os efeitos da ação humana no ambiente.

As atividades foram iniciadas em 1974, sob o nome de Núcleo Interdepartamental de Estudos Ecológicos (Nideco), que tinha como objetivo inicial integrar pesquisas individuais na área de ecologia e desenvolver o ensino em nível de pós-graduação por meio de um curso de especialização. “Era a primeira vez na UFRGS que se falava em ecologia. Uma ciência bastante recente, cujos avanços estavam apenas iniciando”, conta a professora Maria Tereza Rodriguez, diretora do Centro.

Em 1982, o Nideco passou a se chamar Ceneco e tornou-se órgão auxiliar do Instituto de Biociências da Universidade. Já em 1990, com o crescimento de sua importância e pela necessidade de espaço para o desenvolvimento das atividades, recebeu uma nova estrutura física no Câmpus do Vale. Hoje, possui 17 laboratórios de pesquisa que realizam projetos e serviços na área de análise e monitoramento ambiental. Oferece ainda infraestrutura e apoio técnico ao Programa de Pós-graduação em Ecologia, ao curso de graduação em Ciências Biológicas e ao Curso Técnico de Controle e Monitoramento Ambiental.

O Centro também firma convênios com empresas públicas e privadas, desenvolvendo pesquisas para investigar e controlar os impactos dessas empresas no ambiente. Um exemplo é o trabalho desenvolvido em parceria com a Prefeitura de Porto Alegre, no qual escolas de vários pontos da cidade colaboram no monitoramento da qualidade do ar. O projeto, além de medir a poluição por meio de plantas específicas, contribui para a educação ambiental de jovens estudantes do ensino fundamental e médio.

Dessa forma, o Ceneco promove a formação de cidadãos comprometidos com o uso responsável dos recursos naturais e que, não raro, vêm ocupar cargos importantes na hierarquia administrativa da sociedade.

Assista aos programas

Para conhecer melhor as atividades do Centro de Ecologia, assista ao programa *Conhecendo a UFRGS*, que vai ao ar no dia 21 de julho de 2009, a partir das 21h30min, na UNITV, canal 15 da NET POA.



Crônica de um desastre anunciado: a queda do arquivo histórico da cidade de Colônia

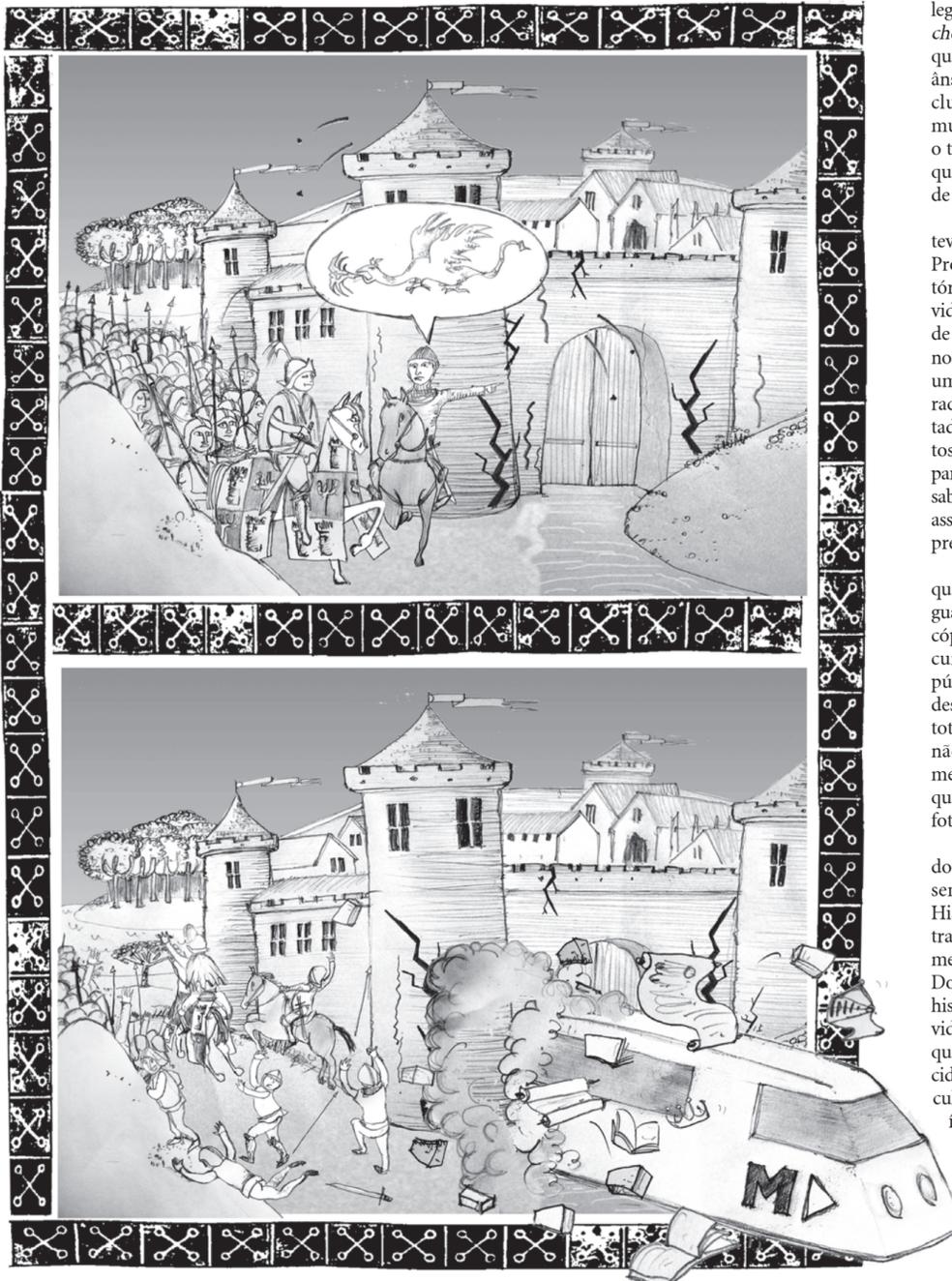
Cybele Crossetti de Almeida *

Sessenta e cinco mil documentos desde o ano 922, 26 quilômetros de estantes com documentos e 500 mil fotos da vida da cidade, além de mapas – antigos e atuais –, livros, etc. Tudo isso foi perdido em poucos minutos.

Para além de teorias conspiratórias que pretendam ver na destruição do arquivo histórico da cidade de Colônia (*Historisches Archiv der Stadt Köln*, sigla em alemão HASTK) um ato terrorista, ou algo do gênero, a mais provável e prosaica resposta é o simples descaso com a História, materializado, nesse caso, na construção de um metrô na rua em que se localizava o arquivo – não apenas o mais importante de Colônia, mas um dos mais importantes da Alemanha e, sob alguns aspectos, da Europa. O inédito é encontrar esse descaso em um país de primeiro mundo, em que normalmente a História é preservada de uma maneira bem mais séria e profissional do que nos países de terceiro mundo.

Durante meu doutorado, pesquisei diariamente por quase três anos no arquivo de Colônia. Três de março de 2009 é um dia triste para os historiadores (e em particular para os medievalistas). Ouvi comentários de que o que aconteceu em Colônia é resultado da *modernidade*. Mas o pior é que não é só na *modernidade* que encontramos o descaso com a história e o conhecimento. Pode ser encontrado em qualquer época, como lembra a história da biblioteca de Alexandria. E também na Idade Média, quando muitos escribas raspavam manuscritos antigos para fazer novos ou ainda usavam pergaminhos antigos como capas de livros.

O mais triste em Colônia é que a tragédia poderia ter sido evitada. O arquivo e seu acervo sobreviveram a séculos de conflitos, incêndios, à invasão napoleônica, a duas guerras mundiais. E, no entanto, desde 2004 – início das obras do metrô –, os problemas se acumulavam: em 2005, a torre da igreja São João Batista, na Severin Strasse, vergou, devido a problemas no subsolo – ficando conhecida como a *torre inclinada de Colônia* – e, ainda no mesmo ano, desabou uma parte do



teto da igreja Santa Maria im Kapitoll. Em 2006 – sempre ao longo da linha de construção do metrô –, abriu-se um buraco na Clodwich Strasse e, em

2007, foi a vez da torre do antigo prédio da prefeitura (Rathaus) ficar inclinada, o que levou à interdição do prédio que funcionava desde a Idade

Média. Já em 2008, o arquivo mostrava rachaduras que indicavam abalos em sua estrutura. Mas nada pode deter o progresso! Ouvi também de co-

legas alemães que é a famosa *kölnische Klüngel* (camarilha de Colônia) que volta a se manifestar: corrupção e ânsia de poder também não são exclusividades de países de terceiro mundo. É o que se pode pensar ao ver o traçado desses desastres, com o arquivo no meio, em um raio de menos de um quilômetro.

O professor Klaus Militzer, que estive conosco no Departamento e no Programa de Pós-graduação em História da UFRGS como professor convidado, durante o primeiro semestre de 2008, e trabalhou durante 30 anos no HASTK, escreveu-me contando que uma grande parte do material foi retirado dos escombros. Mas em que estado esse material se encontra, quantos anos ou décadas serão necessários para recuperá-los – isso ainda ninguém sabe. Papéis e pergaminhos são frágeis, assim como a vida humana. Nem sempre é possível recuperá-los.

Existem, é claro, microfimes de quase todo o acervo do HASTK que são guardados em outros lugares (aliás, há cópias microfilmadas de todos os documentos importantes de arquivos públicos da Alemanha: as duas grandes guerras no século XX não foram totalmente em vão), mas microfimes não substituem originais. Microfimes são como fotografias de pessoas que amamos. Melhor é ter ambas: as fotos e as pessoas.

A perda de uma parte incalculável dos documentos do HASTK afeta um sem-número de pessoas, porque a História tem um caráter universal que transcende o local em que um documento foi produzido ou armazenado. Documentos são as ferramentas do historiador; com elas, reconstruímos vidas humanas passadas. Indivíduos que, muitas vezes, não seriam conhecidos para além do seu pequeno círculo, ganham vida quando reconstruímos e contamos a sua história – a nossa história: porque a História é o que dá identidade aos humanos, é o que nos separa de nossos primos, animais. É resultado direto da consciência de nós mesmos e da importância do registro dos nossos feitos, memoráveis ou lamentáveis.

* Medievalista, professora do departamento e do pós-graduação em História, IFCH/UFRGS

“Do assombro nasce o conhecimento”

Claudia Porcellis Aristimunha *

Assertiva de Bacon (apud Bettelheim, 1991) retrata bem o que deveria ser o fazer das instituições culturais, principalmente as que guardam bens patrimoniais. Estas últimas, chamadas de memória, ao trabalharem com a experiência que transcende a escrita, a fala e a leitura, podem constituir-se de espaços em que aflorem sentimentos de estupefação, admiração, assombro, portanto de construção de conhecimento.

Partindo dessa constatação, quero defender aqui a importância, o valor e as possibilidades desses espaços de preservação de memória. Os museus, bibliotecas, arquivos são espaços de convivência, pesquisa, encontro, resistência, lazer, silêncios e “barulhos”, proporcionados pelo contato com a memória e o esquecimento.

Por que defendo essa posição?

Desde o século passado, esses lugares de memória – entre eles especialmente os museus – vêm sofrendo transformações, se movimentam. Seja por conta das pressões políticas, sociais, econômicas ou tecnológicas, os museus não cabem mais em si. Esses movimentos nem sempre demonstram uma profunda e consistente

reflexão conceitual, fruto do fim (?) da Modernidade. Como diz Mário Chagas, essas mudanças e movimentos podem até ter um caráter interno, mas existem aqueles que “se agitam como loucos” e outros, ainda, que “se movimentam sem sair do lugar”.... De qualquer forma, estabelecem as condições para que o assombro aconteça.

Em primeiro lugar, as instituições de memória, por preservarem bens que documentam um recorte espaço-temporal, podem ser consideradas locais, independentemente de sua abrangência. Por serem delimitadas espaço-temporalmente, constituem-se espaços de resistência frente à massificação, à desmemorialização e à fragmentação das identidades.

Embora sua origem como “lugares” para a valorização do nacional, dos poderes, dos passados grandiosos, os museus, arquivos, bibliotecas tornados instituições públicas se multiplicam e chegam à atualidade com um caráter coletivo. Para além da frequente atribuição de casas de guarda do “tesouro”, mesmo que, e por isso mesmo, guardando os testemunhos materiais de determinados períodos históricos, apre-

sentam, por meio destes, diferentes valores simbólicos na tentativa de construção de uma leitura que possa vincular o presente e o passado, anunciando que esse tesouro guardado no museu não traz em si *uma* história nem *a* verdade, mas uma possibilidade. É sempre possível mais uma leitura.

Em segundo lugar, encontrar nos objetos, na forma como estão dispostos, no documento que procuramos tanto, na comprovação ou na descoberta o motivo para estupefação faz parte dessa relação indivíduo, objeto e memória. O contato com tais artefatos culturais poderá propiciar uma vivência que intermediará uma leitura de mundo, que pode ser definida por envolver não só uma “alfabetização” cultural, mas a compreensão dos aspectos socioculturais que estão postos neste mundo. Assim como aprendemos a ler as palavras, devemos aprender a ler os/nos objetos, ou seja, desvendar a história que há na sua materialidade.

E, nesse sentido, os museus são lugares de memória por excelência. Têm a tarefa de guardar e expor parte do que foi sonhado e materializado, seja nas artes, na política, na tecnologia,

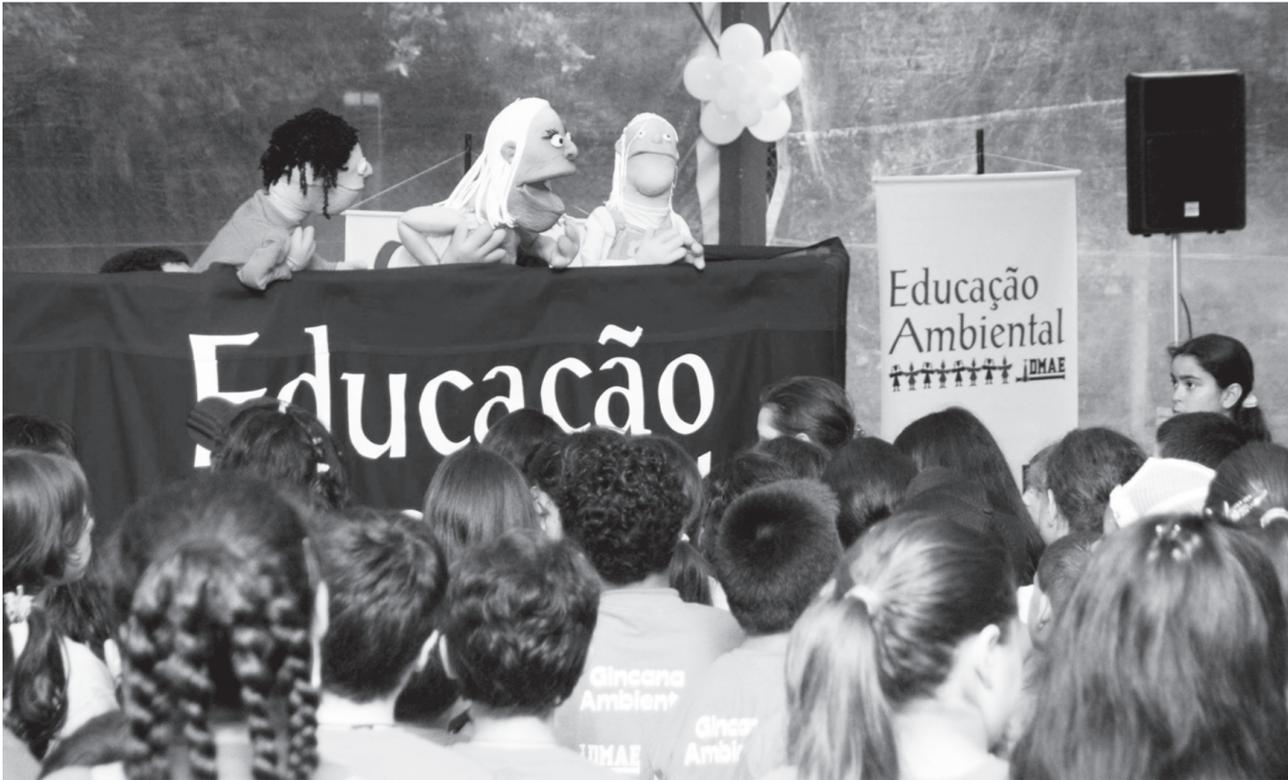
nas ciências... Aquilo que não deve ser esquecido e que nos faz lembrar que fazemos parte da história.

O Museu da UFRGS, nesses 25 anos (a completar em novembro deste ano), vem preservando a memória e a identidade desta Universidade – no que diz respeito ao seu legado histórico e também à sua produção intelectual e artística cotidiana –, bem como a memória da cidade de Porto Alegre. Disponibilizando para pesquisa, exibindo em uma narrativa, colaborando para relembrar momentos desta instituição e da capital por meio de seu acervo constituído de fotos e de documentos, tenta contribuir para provocar o tal assombro em seus usuários.

Nosso papel de preservar e comunicar essa história, esse passado que é renovado a cada inserção, a cada pesquisa, a cada exposição, vem sendo construído com a contribuição de cada sujeito desta Universidade e de sua relação com a cidade. Faça parte dessa construção.

* Historiadora – Mestre em História e Especialista em Museologia Patrimônio Cultural e Diretora do Museu da UFRGS

Quanto vale o meio ambiente?



DIVULGAÇÃO DMAE/PMMA

Não só a iniciativa privada tem preocupações ambientais. Órgãos públicos, como o DMAE, têm ampliado atividades na área da educação ambiental

Marketing verde Empresas utilizam a gestão ambiental para promover seus produtos

Escassez de água, redução de impactos ambientais e produção limpa agora são assuntos tratados nas reuniões executivas da maior parte das empresas. Assim como as metas de expansão e o retorno dos investimentos, a preocupação sócio-ambiental foi incorporada ao dia a dia das organizações. É o chamado marketing ambiental, ou marketing verde, que consiste em transformar o cuidado com a natureza em diferencial mercadológico da companhia.

A inserção dos temas sócio-ecológicos na estratégia de gerência das corporações é complexa. Como esclarece a especialista em administração Monique Dinato, os panoramas econômico, social e ambiental estão intrinsecamente ligados. “Como estamos em um mundo com recursos escassos, precisamos ter acesso equilibrado a eles. Não podemos fugir da visão capitalista na qual estamos imersos. A

questão da escassez de recursos naturais está sempre associada a problemas sociais”, explica. O primeiro passo, segundo ela, é avaliar o sistema produtivo utilizado, analisar a entrada de energia e de matéria-prima, e eliminar os desperdícios. Para a economista Clitia Martins, pesquisadora da Fundação de Economia e Estatística (FEE), “a produção limpa está relacionada ao conceito de resíduo zero, segundo o qual as empresas minimizam os rejeitos, sejam gasosos, líquidos ou sólidos”.

Na prática - O exercício dessa nova forma de comunicação com o cliente suscita questões positivas e também negativas. Se, por um lado, insere a natureza nas conversas cotidianas, por outro, gera um conflito de significados. “A vulgarização do tema cria uma grande confusão pela apropriação indevida de conceitos, que se esvaziam e acabam adquirindo um sentido diferente do original”, afirma Monique. “Por exemplo, com frequência, no discurso político, a expressão ‘desenvolvimento sustentado’ refere-se apenas ao sentido econômico, não ao ecológico.” Por isso, o consumidor precisa buscar mais informações além das que são mostradas nas propagandas.

Entre os benefícios para as empresas está o retorno financeiro. Depen-

dendo do setor, há fortes incentivos à responsabilidade ecológica. Agências financiadoras já atrelam o empréstimo de recursos à adoção desse tipo de gestão. Além disso, as empresas lucram ao reduzir a quantidade de matéria-prima utilizada. Para Monique, “a poluição é uma forma de desperdício, pois de alguma maneira joga no lixo parte dos recursos que entraram no processo produtivo”. Os resultados do marketing verde são percebidos por todos os envolvidos, não só os consumidores, mas principalmente os colaboradores e dirigentes. Ainda assim, a maior vantagem, garante ela, é a respeitabilidade adquirida pela organização. A permanência e a longevidade no mercado são diretamente influenciadas pela imagem que o consumidor tem da marca. Por isso, investir em ações sócio-ambientais é fundamental para a sobrevivência da companhia.

Valor real - Como os bens de consumo não poluentes são, em geral, mais caros, o consumidor precisa ficar atento. Conforme a pesquisadora da FEE, “o produto ‘limpo’ custa mais porque nos outros não está embutido o preço da degradação do ambiente”. Para ela, a diferença no preço final dá a falsa sensação de economia: “Quando se coloca no preço do pro-

duto seu impacto em termos de poluição e de sujeira, ele fica mais caro que o não poluente”.

Para se fazer a valoração dos prejuízos causados à natureza, levam-se em consideração diversos fatores, que nem sempre podem ser calculados. “É difícil chegar a um preço definido pelos recursos naturais utilizados, mas é possível uma aproximação”, diz Clitia. “O valor econômico total de bens e serviços compreende o valor de uso direto, o valor de uso indireto, o valor de opção e o valor de existência.” O valor de uso direto é estabelecido pela contribuição imediata de um recurso natural ao processo de produção e consumo. O valor de uso indireto inclui os benefícios dos serviços que o ambiente proporciona para suportar o processo de produção e consumo. Por exemplo, se uma empresa pretende utilizar madeira de mata nativa, o valor de uso direto é o preço da lenha. Para o valor de uso indireto, é preciso atribuir um preço ao ar puro, à paisagem. O valor de opção é o uso futuro, no sentido de que as próximas gerações possam conhecer a floresta em questão. Já para o valor de existência, não se coloca em questão a relevância comercial; importa, sim, seu valor intrínseco. “Essa é a fórmula usada para determinar, por exemplo, o valor de uma multa”, declara a pesquisadora.

“Comprar é um ato político”

O surgimento do consumidor consciente está alterando a percepção das organizações sobre o ambiente. Ele lê rótulos, pesquisa informações ambientais no site da organização, busca notícias relacionadas à área. “Esse tipo de comportamento é fundamental, pois vai mostrar à empresa que existem pessoas vigilantes e que se importam com a sua maneira de operar”, afirma a administradora Monique Dinato. “Comprar é um ato político, mais do que econômico, pois o consumidor apoia aquela empresa e as escolhas que ela faz.”

Selecionar as políticas de investimento no meio ambiente é papel do poder público. O modelo de desenvolvimento do país deve priorizar as questões ambientais, pois isso influencia as relações de nego-

ciação com outros países. “Ao exportarmos grãos, por exemplo, estamos exportando também água e solo. Essa é uma decisão estratégica; por conseguinte, o Brasil precisa decidir qual modelo de desenvolvimento quer adotar”, diz Monique. Para a economista Clitia Martins, os governos devem avaliar se os investimentos não irão gerar mais prejuízos, ao serem analisadas as agressões à natureza. “Certos investimentos geram empregos e renda, mas muito mais gastos com problemas ambientais”, declara.

Para a economista, o tema deveria ser debatido em fóruns mundiais, uma vez que extrapola a atuação regional. A busca por conscientização ecológica tem de partir do sujeito e chegar à sociedade. “Essa deve ser uma preocupação de órgãos governamen-

tais e até supragovernamentais, ou seja, ultrapassa os governos individualmente. Esse é um assunto para ser discutido internacionalmente.”

A fiscalização deve ser ininterrupta, tanto por parte dos consumidores como das autoridades. Para o cliente, a melhor forma de controle é a busca constante por dados. A promotora de meio ambiente do Ministério Público Ana Marchesan assegura que todos têm acesso às licenças obtidas pelas empresas. “Pelo princípio da informação ambiental, qualquer cidadão tem o direito de pedir aos órgãos ambientais informações sobre licenças e estudos de impactos.”

Leila Ghiorzi, estudante do 4.º semestre de Jornalismo da Fabico

Regras para a preservação

“Não existe legislação ambiental rigorosa como a nossa.” Com essa declaração, a promotora de justiça Ana Maria Marchesan derruba o mito de que o Brasil é um país atrasado, pelo menos na questão legal. O Ministério Público da União (MP) é o autor de mais de 90% das ações públicas na tutela do ambiente. Embora haja outros legitimados, como organizações não governamentais, associações e os poderes públicos estadual, federal e municipal, ainda é o MP o grande protagonista da defesa judicial do meio ambiente. “Não existe outro órgão assim no mundo. Nesse aspecto, estamos muito bem.”

Para ela, a legislação ambiental não deve ser a principal preocupação dos especialistas. “O nosso problema é a execução de políticas públicas, a fiscalização, a vontade política de priorizar o ambiente. No confronto com outros interesses, como o desenvolvimento econômico, ele acaba sendo colocado em segundo plano”, analisa.

Operar sem licença ambiental é o delito ecológico mais comum cometido por pessoas jurídicas. “Postos de combustíveis, mineradoras, casas noturnas e postos de lavagem, por exemplo, instalam-se sem prévia licença, ou operam em desacordo com a licença concedida”, relata a promotora. Danos ou ameaça à fauna e à flora também são recorrentes em nosso país. Para empresas que desrespeitam as leis ambientais, as penas variam da multa até a restrição de direitos e a prestação de serviços à comunidade. Entre as restrições de direito estão a suspensão parcial ou total das atividades e a interdição temporária do estabelecimento, obra ou atividade.

O valor da multa, quando ocorre crime ambiental, é estabelecido de acordo com o Código Penal, que trabalha com o valor e o número de dias-multa. “A lei ambiental é mais rigorosa, pois estabelece que a multa será calculada segundo os critérios do Código Penal. Caso se revele ineficaz, ainda que aplicada no valor máximo, poderá ser aumentada em até três vezes, tendo em vista o valor da vantagem econômica auferida”, esclarece Ana Marchesan.

Para as infrações não previstas na lei, cada caso é analisado individualmente. “Há novos temas, porque a criatividade humana é tão dinâmica que estão sempre surgindo formas de degradar o ambiente”, lamenta a promotora, acrescentando que muitas vezes a legislação não consegue acompanhar esse ritmo.



Carreira em construção

Formação

Núcleo de Apoio ao Estudante oferece atendimento individualizado e oficinas temáticas

Atualmente, a preparação para o mercado de trabalho exige mais do que conhecimento técnico. Uma formação completa resulta de um período proveitoso na universidade, no qual o aluno possa usufruir de experiências e identificar interesses e habilidades. Oferecer esse suporte ao universitário e tratar de questões referentes à carreira e à adaptação à universidade são os principais enfoques trabalhados pelo Núcleo de Apoio ao Estudante da UFRGS (NAE).

O Núcleo foi criado pela professora Maria Célia Lassance, em 2006, como projeto de extensão do curso de Psicologia. Ela percebeu a necessidade de desenvolvimento do NAE ao detectar o aumento expressivo da procura de alunos da Universidade pelo Serviço de Orientação Profissional (SOP), órgão criado há quase 20 anos e direcionado a estudantes do Ensino Médio. “Pensou-se, então, em criar um braço do serviço existente voltado exclusivamente ao universitário da UFRGS, ampliando o trabalho para acolher também demandas de adaptação e planejamento de carreira”, conta o professor Marco A. P. Teixeira, coordenador do programa. Centros de atenção ao aluno são comuns no exterior, mas ainda são poucas as universidades brasileiras com projetos estruturados nesse sentido. Segundo a criadora do NAE, a iniciativa traz benefícios a todos: “A Universidade amplia a oferta de serviços aos estudantes, os alunos saem daqui com uma formação mais completa, e o mercado vai receber egressos mais bem preparados”.

Serviços - Neste ano, além de colocar em prática um trabalho de assessoria e capacitação das unidades acadêmicas interessadas na adaptação do estudante, o Núcleo vai ampliar os dois serviços voltados aos universitários: os atendimentos individuais e as oficinas temáticas. Ambos são gratuitos e abertos a qualquer aluno da UFRGS, tanto da graduação quanto da pós-graduação.

O atendimento é um serviço personalizado, de característica clínica, “que busca construir com o aluno um planejamento, uma avaliação do que precisa ser desenvolvido especificamente para o caso dele”, explica o professor Teixeira. O número de encontros pode variar, mas, normalmente, são cerca de dez sessões de 45 minutos, uma vez por semana, marcadas de acordo com a disponibilidade de horário do aluno. Desde março também é possível fazer agendamento para o turno da noite.

Já as oficinas tratam de assuntos pontuais, e os estudantes podem inscrever-se nos temas de seu interesse. O coordenador do NAE diz que todas as oficinas procuram ser vivenciais. “A gente sempre tenta trazer alguma atividade prática, em que os estudantes possam viver uma ex-



As oficinas podem durar de duas a quatro horas, e o número de participantes varia de cinco a vinte, conforme a matéria tratada

periência mesmo. Na oficina de Elaboração de currículo, por exemplo, primeiro fazemos uma apresentação do tema, com dicas sobre o que o mercado procura, e, posteriormente, propomos uma atividade, que pode ser a avaliação dos currículos levados pelos próprios participantes.”

Como destaca a psicóloga do Núcleo, Cláudia Sampaio Corrêa da Silva, a ideia é dar recursos para que o universitário possa pensar de forma clara sobre as questões relacionadas ao seu futuro. Uma das referências de trabalho do NAE é a orientação de alunos preocupados com a carreira que desejam se encontrar no curso e identificar habilidades para decidir qual área seguir.

Dúvidas - Entretanto, o Núcleo também recebe casos ligados a dúvidas em relação à escolha profissional. “Essas dúvidas são normais porque a maioria dos jovens não tem experiência de vida nem conhece seus interesses e características, sendo incapaz de decidir de forma substancial qual curso fazer. Além disso, muitas vezes eles também não têm informações sobre as profissões e o mundo de trabalho”, esclarece Teixeira. Porém, o professor destaca que, em muitos casos, a insatisfação com o curso não está associada a uma decisão errada: “Às vezes, a pessoa não está conseguindo identificar que esse descontentamento tem a ver com uma dificuldade de se ajustar às exigências da faculdade ou até com dilemas pessoais relacionados ao momento da vida pelo qual ela está passando”.

Jaqueline Crestani, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico

Estágio revela interesse em área pouco estudada no país

Além de oferecer serviços aos alunos de toda a Universidade, o Núcleo de Apoio ao Estudante da UFRGS (NAE) é um espaço de qualificação profissional para graduandos e profissionais em formação avançada em Psicologia – o professor Marco Teixeira ressalta que o Núcleo é reconhecido como local de estágio dentro da formação curricular nessa área. Para participar de seu processo seletivo, os candidatos precisam ter cursado as disciplinas eletivas relacionadas à orientação profissional e devem demonstrar interesse no campo.

A estagiária Ana Paula Noronha Zucatti se identifica com a área e o tipo de abordagem breve e focada proposto nos atendimentos individuais: “São questões deixadas um pouco de lado na Psicologia, pois a carreira das

Oficinas e atendimentos individuais

Para se inscrever nos serviços, os universitários devem acessar o site www.ufrgs.br/nae

Próximas oficinas
12/08 – Dinâmica de grupo em processos seletivos
Horário: 9h às 12h
25/08 – Motivação e estratégias de estudo
Horário: 18h30min às 21h30min

Para assessoria e capacitação, as unidades acadêmicas podem contatar o NAE pelo telefone 3308-5453 ou pelo e-mail nae.psic@ufrgs.br

pessoas é uma parte muito importante de suas vidas, que muitas vezes não é trabalhada”.

A psicóloga Cláudia Sampaio Corrêa da Silva também já gostava da temática quando cursou as disciplinas teóricas sobre o assunto. Contudo, seu interesse aumentou quando teve a experiência de ser estagiária do Núcleo. “É um campo de trabalho muito interessante, bem específico, mas ainda poucos psicólogos dedicam-se a estudá-lo e a aprofundar a formação”, lamenta. Buscando esse diferencial, Cláudia formou-se em 2007, porém continuou colaborando com o projeto e

resolveu fazer sua dissertação de mestrado sobre orientação profissional e de carreira. Desde o início do ano, é psicóloga concursada do NAE e, com o trabalho e a pesquisa, pretende especializar-se na atividade.

Dois pontos

26 LETRAS

No texto do Acordo Ortográfico, a primeira das vinte e uma bases define a composição do alfabeto. Com 23 letras oficiais - e 3 excepcionais - até 2009, as letras K, W e Y ganham caráter regular. Permanece, entretanto, circunscrito o seu uso - como, aliás, já determinava o Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa antes do Acordo. As circunstâncias em que se utilizam essas três letras:

- em nomes próprios estrangeiros e em palavras deles derivadas (por exemplo: Kant, kantismo, Darwin, darwinismo, Byron, byronismo);
- em topônimos originários de outras línguas e seus derivados, por exemplo: Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano;
- em abreviaturas (por exemplo, km - abreviatura

de quilômetro; kW - de quilowatt; yd - de jarda), símbolos (por exemplo, K = potássio, Y = ítrio) e siglas (TWA, KLM).

Nos demais casos, isto é, no aportuguesamento da grafia de uma palavra estrangeira, o **k** é substituído por **qu** antes de **e**, **i** e por **c** antes de outra letra (por exemplo: quepe e caqui); o **w**, por **v** ou **u**, dependendo da pronúncia (por exemplo: vagão e sanduíche); o **y**, por **i** (por exemplo: iate e ioga).

Justificativas para a Base I: a) os dicionários da língua portuguesa já registram tais letras, uma vez que há razoável número de palavras do léxico português iniciado por elas;

b) é necessário fixar a ordem que essas letras ocupam para o aprendizado do alfabeto;

c) nos países africanos - que, afinal, são maioria no Acordo -, existem muitas palavras que se escrevem com essas letras.

Breve histórico do (des)acordo (I)

A existência de duas ortografias oficiais da língua portuguesa, a lusitana e a brasileira, tem sido considerada prejudicial para a unidade do português e para o seu prestígio no mundo.

Tal situação remonta a 1911, ano em que foi adotada, em Portugal, a primeira grande reforma ortográfica, não extensiva ao Brasil. Por iniciativa da Academia Brasileira de Letras, em consonância com a Academia das Ciências de Lisboa, foi aprovado, em 1931, o primeiro acordo ortográfico entre Portugal e Brasil. No entanto, esse

acordo não produziu a desejada unificação dos dois sistemas ortográficos, o que levou mais tarde à convenção ortográfica de 1943. Perante as divergências persistentes nos vocabulários publicados pelas duas academias, que punham em evidência os insuficientes resultados do acordo de 1943, realizou-se, em 1945, em Lisboa, novo encontro entre representantes das duas agremiações, o qual conduziu à chamada convenção ortográfica luso-brasileira de 1945. Mais uma vez, porém, esse acordo não produziu os propósitos - ele foi adotado somente em Portugal.

Fonte: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=acordo&version=1990b>

Antônio Falcetta, revisor do JU
antonio.falcetta@secom.ufrgs.br



FLAVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

Esporte

Estudantes atuam como gandulas em jogos da dupla Gre-Nal

O futebol está cada vez mais feminino: como jogadoras, árbitras, bandeirinhas ou torcedoras, as mulheres entraram em um terreno por muito tempo considerado estritamente masculino. Agora, até a reposição das bolas que saem de campo é tarefa delas.

O Rio Grande do Sul, desde o ano passado, possui gandulas femininas nos jogos da dupla Gre-Nal no Campeonato Brasileiro e na Copa do Brasil, seguindo o exemplo de São Paulo e Minas Gerais. Coordenadas pela Federação Gaúcha de Futebol (FGF), alunas da Escola de Educação Física da UFRGS (ESEF) cumprem esse papel.

Treinamento - O técnico-administrativo Vili Tissot é um dos responsáveis por orientar e acompanhar as alunas nos jogos nos quais trabalham. Por vinte anos, o servidor foi árbitro, por isso a Federação o procurou quando as regras do Campeonato Brasileiro passaram a exigir que os gandulas – no mínimo oito por jogo – não fossem do próprio time.

Outro fator que colaborou para o estabelecimento dessa parceria entre a Universidade e a FGF foi o uso frequente das instalações da ESEF para o treinamento e os testes físicos dos árbitros. Quanto à escolha de mulheres para a função, Vili diz ser parte da filosofia da CBF e da Federação Gaúcha. “Eles pensam em incluir cada vez mais as mulheres no futebol. Desde o tempo em que eu era árbitro começaram a colocá-las como juízas e bandeirinhas. Agora já realizam campeonatos femininos.”

Para a seleção das alunas, um dos requisitos era haver cursado a cadeira eletiva Futebol Fundamentos, em que são ensinadas as regras e a arbitragem do esporte. A relação com as 16 escolhidas por Vili e pelo professor da disciplina, Luiz Fernando Moraes, foi enviada à Federação, que cadastrou todas.

A partir de então, as garotas receberam orientações específicas, incluindo reuniões coletivas e individuais e palestras com o diretor executivo da Federação, Luiz Fernando Moreira, sobre o perfil de trabalho exigido. Após treinamentos na ESEF e no estádio do Esporte Clube São José, na Zona Norte da capital, a estreia no Brasileiro ocorreu na partida entre Internacional e Atlético Paranaense, em outubro de 2008.

Das selecionadas, algumas acabaram desistindo devido a motivos pessoais. Agora, a intenção é aumentar esse quadro para no mínimo 18 estudantes. “Temos cerca de dez cadastradas que ainda não fizeram a disciplina; o objetivo é incluí-las na medida em que a cursarem. Muitas das que participam do projeto são do interior e viajam no fim de semana para visitar as famílias. Com mais participantes, teremos mais possibilidades de escalção”, argumenta o servidor.

Ângulo diferenciado - Antes do jogo entre Internacional e Vitória, pelo Brasileiro, no dia 14 de junho, as alunas da ESEF se preparavam no vestiário do Estádio Beira-Rio. Reunidas e conversando como um grupo de amigas, as jovens com idade em torno dos 20 anos falaram sobre a experiência de ser gandula.

Atualmente, o clima antes das partidas é de tranquilidade, mas no início elas ficavam nervosas com a dimensão dos eventos. “No começo, a gente achava o máximo entrar no campo. Agora já estamos mais acostumadas”, revela Luiza Reis. Segundo Natálie Rodrigues, é muito diferente assistir ao jogo de um lugar tão próximo: “É outra coisa ver da arquibancada; lá de dentro, conseguimos entender melhor o que acontece”.

Em comum, as alunas da Escola de Educação Física possuem afinidade com o futebol. Jogadoras do time da UFRGS, elas se divertem contando: “Nós jogamos muito bem, somos campeãs gaúchas. Mas só nós nos inscrevemos na competição”. Elas também aproveitam para convidar as estudantes da Universidade a participarem da equipe, que não é formada exclusivamente por alunas da Educação Física. Foi justamente essa paixão pelo esporte que as motivou a se inscreverem no projeto. “Eu tinha curiosidade

de conhecer melhor esse meio, porque a gente sabe apenas o que vê pela televisão”, pondera Mariele Santayana de Souza.

Antes de surgir a oportunidade, elas nunca haviam imaginado ser repositoras de bola; até porque, não existia a tradição de mulheres exercendo essa função. “Quando era adolescente, queria ser jogadora de futebol, mas acabei desistindo desse sonho. Não tinha mais pensado em

Por que gandula?

O futebol nem sempre contou com a figura do gandula. Até certa época, eram os próprios jogadores que se encarregavam de ir atrás das bolas que saíam de campo. Isso antes da chegada de um jogador argentino ao Vasco da Gama, em 1939. Bernardo Gandulla se lesionou e não chegou a ser escalado como titular, mas, para ajudar os companheiros do time carioca, buscava e devolvia as bolas. A torcida vascaína simpatizou com o atacante e, mesmo após seu retorno à Argentina, continuou a chamar de gandulas os encarregados de reposição. Hoje esse é o termo mais usado para os assistentes de arbitragem no Brasil e, apesar de muitos acharem “gandula” um nome pouco elegante, as alunas da ESEF não se importam de serem chamadas assim. “A gente não se ofende, até fica bem feliz”, orgulha-se Natálie Rodrigues.

trabalhar com esse esporte até aparecer a oportunidade, ainda mais no âmbito dos grandes clubes. Enquanto me deixarem, eu continuo a ser gandula”, fala Natálie.

Tarefa difícil - Há quem ache que o trabalho de gandula seja fácil. No início de suas atuações, as assistentes de arbitragem eram criticadas pelos torcedores, como explica a estudante

Francine Menegotto: “Se a gente demorava, eles xingavam; se éramos muito rápidas, também”.

Os jogadores, com os quais elas revelam ter pouco contato, foram outros que demoraram a se acostumar com a presença feminina na reposição: “Foi engraçado: no começo, alguns jogadores agradeciam quando recebiam a bola. Agora já não acontece mais”, explica Luiza. A estudante conta ainda uma das situações engraçadas pela qual passou: “Em um jogo, coloquei a bola várias vezes em um lado do escanteio sem saber com qual perna o jogador chutava. Até que ele gritou para eu colocar de outra maneira. Então, quando a pus do outro lado, veio outro para cobrar”. Para evitar casos como esse, as gandulas que ficam atrás da linha de fundo sempre perguntam ao goleiro com qual perna ele costuma cobrar o tiro de meta, assim não erram na hora de posicionar a bola ao lado do gol.

Apesar de não existirem regras específicas para auxiliares de arbitragem, algumas noções básicas foram passadas. Uma das principais é sempre repor a bola e apenas depois buscar a que saiu, mesmo que ela venha em direção à gandula. Por isso, o trabalho em equipe é fundamental. Normalmente, enquanto uma devolve a bola para o jogador, a outra busca a que saiu, procurando ser o mais ágil possível.

Não existe posição fixa para cada uma das alunas, assim, todas atuam em diferentes partes do campo. “Nós temos uma rotação, cada partida ficamos em um lugar. Normalmente são duas atrás de cada gol e três em cada lateral”, esclarece Mariele. Em jogos de grande público, como os da dupla Gre-Nal pela Copa do Brasil, o número de gandulas escaladas aumenta. Em partidas como essas, aliás, a pressão é grande: “Em Inter e Flamengo, havia quase 50 mil pessoas no Beira-Rio. Dava para sentir o clima do estádio”, contam.

Embora se pense que seja exaustivo correr atrás das bolas durante o jogo, o pior para elas é ficarem paradas. “A nossa lombar dói muito, porque na verdade a bola sai cada vez de um lado”, revela Mariele. Antes da partida, as estudantes fazem um simples aquecimento, correndo de 15 a 20 metros com a bola na mão. Du-

rante a semana, porém, realizam pelo menos um treino para garantir o preparo físico.

Alguns imprevistos já aconteceram, como em qualquer outra atividade. Certa vez, uma delas enroscou o pé em um cabo de televisão e caiu, levando a torcida à gargalhada. O risco de ser atingida pelas bolas também existe, embora isso quase não aconteça. A maior dificuldade, entretanto, ocorre quando alguma bola cai no fosso do estádio. Por terem menos força física, é preciso que sejam auxiliadas para recuperá-la.

Quando é a equipe para a qual torcem que entra em campo, a atitude continua profissional e não há espaço para manifestações. “É a mesma coisa de sempre: nessa hora não tem time; nosso time é o nosso trabalho. E a gente torce para que ele dê certo”, justifica Mariele. Vili brinca: “Por enquanto, nenhuma colocou a camisetinha do Inter ou do Grêmio embaixo do uniforme”.

Reconhecimento - Criticadas no início, principalmente pelos torcedores, as alunas da ESEF começam agora a ganhar espaço no futebol gaúcho e a ter o seu trabalho reconhecido. “Elas têm sido elogiadas inclusive pelos dirigentes dos clubes e pela imprensa. No primeiro jogo, estavam muito nervosas. Agora já são especialistas, rápidas na reposição”, reconhece Vili.

“Os jogos ficaram mais justos. Nos nossos dias de folga, olhamos pela televisão e percebemos que a reposição é muito mais ágil. Por isso acho que a diferença não está em o gandula ser homem ou mulher, mas sim em ser do time ou da Federação. Os do clube influenciavam no jogo. Agora melhorou bastante”, afirma Luiza.

No próximo ano, a expectativa é de que elas sejam relacionadas para participar dos jogos do Campeonato Gaúcho a serem realizados na capital, apesar da não exigência pelo regulamento da competição. O coordenador do projeto, entretanto, sonha mais alto: “É difícil incluir as mulheres nesse tipo de trabalho, mas, se continuarem com esse desempenho, eu acredito que venha por aí uma Libertadores e até, quem sabe, a Copa do Mundo”.

Luciane Costa, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico

Especial

Descobrimos o mundo

Intercâmbio

Mobilidade acadêmica oferece aos estudantes oportunidade de conhecer diferentes realidades

TEXTO LEILA GHIORZI*
E LUCIANE COSTA**

Universidade: palavra derivada de universal, característica do que pode ser aproveitado por todos; refere-se também a mundial. Nesse sentido, a mobilidade de estudantes e professores é fundamental para a instituição, sendo um dos principais meios de troca de informações e experiências. Conviver com pessoas de outros países pode ser ainda uma grande chance de aprendizado intercultural. Anualmente, estudantes de diversas partes do planeta escolhem a UFRGS para complementar os estudos. Com isso, ganham os brasileiros e os visitantes.

No primeiro semestre deste ano, 224 alunos de graduação vieram estudar na Universidade. Sul-coreanos e alemães são a maioria, mas há ainda argentinos, espanhóis e estudantes de outras nacionalidades, totalizando 46 países. Segundo a secretária de Relações Internacionais, Liane Hentschke, “a vantagem para os alunos da UFRGS é poder compartilhar com estudantes de outras culturas a sua forma de ver o mundo”.

Ensino universal - “Os alunos escolhem a UFRGS porque sabem de sua qualidade”, constata o reitor Carlos Alexandre Netto. A política de internacionalização da Universidade, que a insere em um sistema global de produção e difusão de conhecimento, é considerada por ele o quarto pilar da instituição, além de extensão, pesquisa e ensino.

Liane lembra o bom posicionamento da UFRGS em *rankings* como o de Xangai, no qual aparece entre as 500 melhores universidades do mundo – de 30 mil analisadas. “Nós não temos apenas quantidade, mas também qualidade. O aluno estrangeiro busca esse tipo de informação, sem contar a atratividade do Brasil, por ser um dos países emergentes de destaque”, considera a secretária.

O principal impedimento para que mais estrangeiros se interessem por estudar aqui ainda é o idioma. Por esse motivo, a Secretaria de Relações Internacionais (Relinter) tem planos de oferecer disciplinas em língua estrangeira em parceria com as unidades de ensino, para que haja aumento da mobilidade. De acordo com Liane, “hoje ainda existe uma assimetria muito grande entre os alunos que recebemos e os que enviamos. Nossa intenção é trabalhar para corrigir isso”.

Cidade desconhecida - A adaptação à nova cultura é um dos principais desafios. As características do lugar sempre surpreendem os intercambistas. O estudante de Relações Internacionais Enrique Ventura, da França, conta que se chocou com o tamanho de Porto Alegre: “Tem muita gente, muita aglomeração. Minha cidade tem 20 mil habitantes. O trauma maior não foi chegar ao Brasil, mas a um grande município”. Graduandos de



Ana Poklad, Olga Heredia, Denisse Ferrero e Enrique Ventura (em sentido horário) fazem parte do grupo de estudantes estrangeiros da UFRGS

centros urbanos maiores sentem a diferença de modo contrário. Para a estudante de Letras Ana Poklad, da Rússia, “é uma cidade provinciana se comparada a São Petersburgo. Aqui as pessoas são mais amáveis, mais abertas”.

A verdadeira Porto Alegre muitas vezes não corresponde à cidade imaginada. Aluna do curso de Letras, Olga Heredia, da Argentina, conhecia a capital gaúcha apenas por relatos e pela Internet. As principais recomendações que recebeu foram quanto à segurança: “Eu ouvia que era perigosa, que não podia andar à noite. Mas a minha cidade também é grande e arriscada. Estou vivendo, conhecendo e curtindo tudo”.

O francês Enrique também encontrou um lugar diferente do que havia pensado. “Sabia que não era como o Rio de Janeiro, mas não achava que fizesse tanto frio e que as pessoas usassem tantas roupas de inverno. Procurei o mapa na Internet, vi que havia um lago imenso e achei que poderia nadar ali”.

Primeira impressão - O momento de maior insegurança para os estrangeiros é a chegada. Sozinhos e sem conhecer a cidade, têm de lidar com a desorganização do país, com um idioma diferente e com a pouca ajuda para conhecer o local em que irão morar nos meses seguintes.

Olga, por exemplo, desembarcou na rodoviária de madrugada e, por não ter informações suficientes sobre a Casa do Estudante, esperou amanhecer para ir até lá. “Estava cansada, com frio e cheia de malas. Não sabia se a casa estava aberta. Depois descobri que funciona o dia inteiro”, conta.

A uruguaia Denisse Ferrero, das Relações Internacionais, foi beneficiada por uma iniciativa do centro acadêmico de seu curso. “Um colega foi me buscar na rodoviária. Passei uma semana na casa dele, conheci

Porto Alegre e a Universidade.” Já o sul-coreano Sangkue Kang, aluno de Português para Estrangeiros que, ao chegar ao país, adotou o nome de Leonardo, contou com as orientações de compatriotas que já haviam estudado na UFRGS. “Como têm muitos coreanos aqui, eles nos ajudam a fazer toda a documentação. Os professores não nos auxiliam muito”.

A falta de orientação institucional e o excesso de burocracia brasileira incomodaram os estudantes. “Fui à

“Na França, as aulas são para 200 pessoas. Aqui me sinto mais próximo do professor”

Relinter e eles ajudaram com a documentação na Polícia Federal, mas só depois de seis meses recebi meu cartão de estrangeiro. Fiquei decepcionado com a demora”, relata Enrique. Olga também teve dificuldades: “Era cartão do ônibus, CPF, Polícia Federal, matrícula, Relinter, Decor-di, Comgrad... Tinha de passar de um departamento a outro, e as pessoas nunca estavam. O problema não era o idioma, era a falta de organização”.

Amizades internacionais - No início, desconfiança e curiosidade são as reações mais frequentes dos colegas em relação aos estrangeiros. Olga conta que não se integrou com os estudantes de seu curso: “Não sei por que, se eles têm medo ou se não conseguem, mas sou extrovertida e aqui é

cada um na sua”. Por conta disso, Olga e Denisse acabaram se relacionando mais entre si e com as outras estrangeiras do programa Escala, da Associação de Universidades Grupo de Montevideu (AUGM), que moram na Casa do Estudante. “Somos uma psicóloga da outra, nunca estamos sozinhas”, diz Olga.

É preciso, no entanto, um esforço extra para fazer amizades. “Eu sou mais aberto, falo com os brasileiros mesmo sem saber muito bem o português”, constata Leonardo. Por recomendação de um colega de sua universidade, ele procurou morar com pessoas de outras nacionalidades. Dividindo apartamento com dois brasileiros e uma panamenha, o sul-coreano teve facilidade de se relacionar e aprender o idioma. Já o francês Enrique reflete: “O pessoal tem que ter vontade de se misturar. Não faz sentido vir para cá e não conhecer gente daqui”.

Olhar estrangeiro - Perguntada sobre as diferenças entre a sua universidade de origem e a UFRGS, a argentina Olga diz que o mais estranho é a informalidade da relação entre aluno e professor: “Lá nós usamos senhor ou senhora, nunca chamamos de tu ou pelo nome”. Enrique considera esse um ponto positivo. “Na França, tenho aulas em anfiteatros para 200 alunos, são magistrais, ninguém participa. Aqui são mais seminários; gostei porque me sinto mais próximo do professor”.

Para Denisse, uma das maiores qualidades da UFRGS é ser tratada como igual pelos professores. Porém, isso pode levar à falta de respeito. “No Uruguai, não acontece de se chegar atrasado ou levantar no meio da aula.” Ana compartilha da opinião: “Na Rússia, atrasar-se é bastante grave. A porta é fechada e ninguém pode entrar”. Segundo ela, o sistema de ensino é mui-

to diferente. “Em geral, o estudante não trabalha ou faz estágio durante o semestre e não é obrigado a ir às aulas. Depois pode só fazer a prova final”, explica.

O que eles levam - Apesar da estranheza inicial, o prato típico brasileiro agrada aos estrangeiros. Olga explica que na Argentina a culinária é diferente. “Minha mãe ria quando me perguntava o que eu tinha comido, e eu respondia ‘além de feijão e arroz, comi tal coisa’. Ela dizia: ‘feijão de novo?’”, diverte-se. Ana revela que exportará a tradição para a Rússia: “Aprendi a fazer feijão com arroz. Com certeza, sempre vou comer lá. E chimarrão também”. Sobre a bebida, Enrique admite que foi o hábito mais complicado de adotar. “Nas férias, levei para a França, mas ninguém gostou”.

A uruguaia Denisse divide o que aprendeu no Brasil. “Na parte acadêmica estão o conteúdo das matérias e a forma de trabalhar. No plano das relações, a amizade com pessoas diferentes e a convivência com os moradores da Casa do Estudante. Aprendi a me comportar de certa maneira, a aceitar algumas coisas”, reflete.

O resultado da experiência, somados os aprendizados e as dificuldades, é positivo, tanto que muitos pretendem retornar a Porto Alegre. Os cursos de mestrado atraem Denisse. “Estou averiguando os convênios para obter bolsas de mestrado aqui na UFRGS mesmo”, declara. Já para Enrique, a motivação é a Copa do Mundo de 2014.

“O estudante que vai para outra universidade não tem apenas o convívio formal, mas também o da cultura”, destaca o reitor Carlos Alexandre. Para ele, a internacionalização e a cooperação para qualificação acadêmica promovem maior integração entre os povos e uma cultura de tolerância.

Quem vai estudar no exterior deve deixar-se envolver com a cultura local

Embarque nessa!

Apesar dos planos de ampliação da mobilidade discente, a Universidade ainda não consegue oferecer vagas suficientes de intercâmbio para responder à demanda. Por isso, é necessário se estabelecerem alguns critérios para as oportunidades. “A Relinter não seleciona, pois nós não temos como conhecer todas as unidades da UFRGS. Nós recebemos sugestões”, explica a Secretária de Relações Internacionais, Liane Hentschke. Para os programas de bolsas, a professora cita alguns dos pontos analisados: “É necessário que o aluno tenha concluído pelo menos 30% do curso. A questão do histórico escolar também é muito importante. Por parte do aluno, é fundamental o domínio do idioma estrangeiro, a carta de recomendação do professor, a sua motivação para estudar no exterior e a consciência dos desafios que vai enfrentar”.

Quem já passou por essa seleção salienta a necessidade de conhecer a língua. Marcio Cunha Filho, que estudou na Espanha, recomenda que os interessados também aprendam, com antecedência, aspectos da cultura do país de destino. “Sugiro que os alunos estudem o idioma desde cedo, pois esse conhecimento abre muitas portas. Também penso que eles não devem limitar sua atuação às salas de aula.” Para Maria Elisa, antes de ir, deve-se buscar informações sobre o local escolhido: “É importante inteirarse da história e dos hábitos do país, além do sistema de ensino. É bom saber o que a universidade oferece além das aulas. Isso pode fazer bastante diferença”. Quanto à preparação para a viagem, os documentos devem estar em dia, e é fundamental pensar com antecedência em como serão feitas as transações financeiras. “De resto, vale a pena se deixar surpreender”, recomenda Maria Elisa. A estudante acredita que é importante se envolver com a cultura local – língua, comidas, hábitos, amizades. “Tem gente que não abandona os costumes da pátria, aí acaba não desfrutando o que o país tem a oferecer”, diz. Liane esclarece que a Relinter pretende implantar novas formas de divulgação dos programas oferecidos: “Nós pensamos em criar fóruns nos quais os alunos possam expor as suas experiências”. O objetivo, segundo ela, é a socialização dos aprendizados dessa etapa da formação.

Saiba mais sobre os programas de mobilidade

Secretaria de Relações Internacionais (Relinter)
Telefone: 3308 3902
E-mail: relinter@gabinete.ufrgs.br
Site: www.ufrgs.br/relinter

UFRGS sem fronteiras

O número de estudantes da UFRGS que vão estudar em universidade estrangeiras é grande e tende a aumentar. Conforme dados da Secretaria de Relações Internacionais da UFRGS (Relinter), no primeiro semestre deste ano, 435 alunos de graduação pediram afastamento para realização de estudos no exterior. Esse número corresponde a 1,8% dos matriculados na Universidade e a intenção, segundo o reitor Carlos Alexandre Netto, é de pelo menos duplicá-lo. O destino preferido dos estudantes é Portugal, seguido por Alemanha, França e Estados Unidos.

Maria Elisa Lisboa, estudante de Jornalismo,

está desde abril na Universidade de Tübingen, na Alemanha. “Aqui impera a atmosfera do conhecimento e do saber. A cidade gira em torno da escola, fundada no século XV. É um destino visitado por universitários alemães e estrangeiros. Dos 80 mil habitantes, cerca de 35 mil são estudantes”, define.

Conhecer uma cultura diferente é a principal motivação de quem vai estudar em outro país. Assim foi com Marcio Cunha Filho, aluno do Direito que esteve na Universidade Autônoma de Madri (UAM) em 2008. “Eu sempre achei interessante conhecer outra realidade. É um

mundo do qual a gente não faz nem ideia. Foi ótimo ter uma vida diferente por um tempo”, conta.

A estudante de jornalismo, além de ter interesse em aperfeiçoar-se no idioma, queria saber como o conhecimento é produzido na Alemanha. “Quais os termos, métodos, teorias, livros que os estudantes usam para tomar parte do mundo? Que tipo de formação os prepara para o mercado e qual o perfil do espaço de trabalho? Até onde o ensino se assemelha ao nosso? A vontade de responder a essas e outras perguntas me moveu até aqui”, explica Maria Elisa.

Imersão cultural

Para os alunos da UFRGS que vão para o exterior, também não é fácil fazer amizades com os colegas. Marcio Cunha Filho, estudante de Direito que esteve na Universidade Autônoma de Madri (UAM), conta que teve certa dificuldade com os espanhóis. “Eu senti isso nos europeus em geral; eles são muito fechados. Isso acabou não sendo um problema porque em Madri há pessoas de diferentes nacionalidades. Acabei me enturmado mais com os estrangeiros.” O estudante diz que teve mais facilidade de adaptação por morar com mais três alunos da UFRGS selecionados pelo programa.

As divergências culturais são refletidas também no sistema de ensino dos diferentes países. Adaptar-se a eles é um desafio a ser enfrentado pelos estrangeiros. Para Maria Elisa Lisboa, aluna do curso de Jornalismo da Fabico, na Alemanha a faculdade é encarada com seriedade. “O estudante se dá o privilégio de ser estudante, com todas as suas consequências. A biblioteca não é um lugar de passagem. Ela está sempre cheia de alunos que dedicam tardes aos livros e fica aberta também nos fins de semana. O que é produzido academicamente é criteriosamente avaliado pelos professores, que sabem exigir.” Ela destaca que o esforço pessoal é valorizado: “Se deixa muito a cargo do aluno, pois é ele quem decide quais disciplinas vai cursar, podendo frequentá-las em qualquer instituto da Universidade”.

Marcio relata que as maneiras de ministrar as aulas são diferentes: “Em uma cadeira que eu fazia lá,

sempre tinha um texto para ler e debater. Aqui na minha faculdade, as aulas são muito mais expositivas. Na Espanha, tem mais debates, mais cadeiras, mais diversidade”. No entanto, o tratamento dado aos estudantes estrangeiros é diferente também por parte dos docentes. “Eles estão sempre disponíveis para nos auxiliar. Notei que lá existem mais professores com dedicação exclusiva, o que os torna mais acessíveis.”

Recepção - Longe de casa, a orientação dada pela escola de destino é essencial. Os brasileiros que fazem intercâmbio concordam que, sem esse auxílio, a adaptação e o aprendizado seriam mais difíceis. “A recepção da UAM foi muito boa. Ela é extremamente grande e internacionalizada. Então, eles já têm estrutura de acolhimento, fazem reuniões, distribuem apostilas com dicas”, lembra o estudante de Direito. Com Maria Elisa, o atendimento foi semelhante: “A universidade tem como característica receber estudantes do mundo todo. Fizemos um curso sobre como é uma universidade alemã, além de visita guiada pela cidade, ida às compras e festa de encerramento – tudo organizado pelos alunos alemães”.

Antes de ir, os acadêmicos receberam orientações da Relinter, responsável pela assessoria aos universitários que desejam fazer mobilidade acadêmica em outros países. A aluna de jornalismo descreve como foi o auxílio da UFRGS: “Nos ajudou com alguns processos burocráticos: encaminhou a documentação



Desde abril, Maria Elisa Lisboa, aluna do curso de Jornalismo, está estudando na universidade alemã de Tübingen

de inscrição e nos alertou quanto a prazos”. Marcio revela que viajou sem conhecer muito a respeito da universidade. “Eu conversei com quem foi em anos anteriores, mas não teve nenhuma reunião de pre-

paração; foi mais ajuda com o visto, com a passagem.”

O que eles trazem - A experiência fora do país, porém, não ensina apenas a se relacionar com pessoas de outras nacionalidades. Marcio definiu o tema de sua monografia a partir do que aprendeu nas disciplinas cursadas em Madri. “Será uma comparação entre os sistemas políticos brasileiro e espanhol, principalmente quanto às medidas provisórias, que não existem lá”, explica. O graduando ainda faz planos para sua profissão: “Estamos começando a pensar em uma integração maior nos países da América do Sul, e a União Europeia é muito mais avançada em termos jurídicos. É possível que eu vá trabalhar no futuro com algum aspecto relacionado ao Mercosul”.

Maria Elisa vê o intercâmbio como uma chance de observar o mundo e entender seu funcionamento. “Ouvir histórias malucas em diferentes idiomas ou comparar a filosofia de John Locke e Thomas Hobbes em alemão nos faz crescer como profissionais e como pessoas. A gente consegue agarrar a realidade com mais sensibilidade. Isso é fundamental para um jornalista”, conclui.

* Estudante do 4.º semestre de Jornalismo da Fabico

** Estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico



O estudante de Direito Marcio Cunha Filho (o segundo em pé) esteve na Universidade Autônoma de Madri



Quem tem medo da Coreia do Norte?

Crise nuclear

Como o desconhecido país chegou à atual situação e quais seriam os reais objetivos de seus testes bélicos

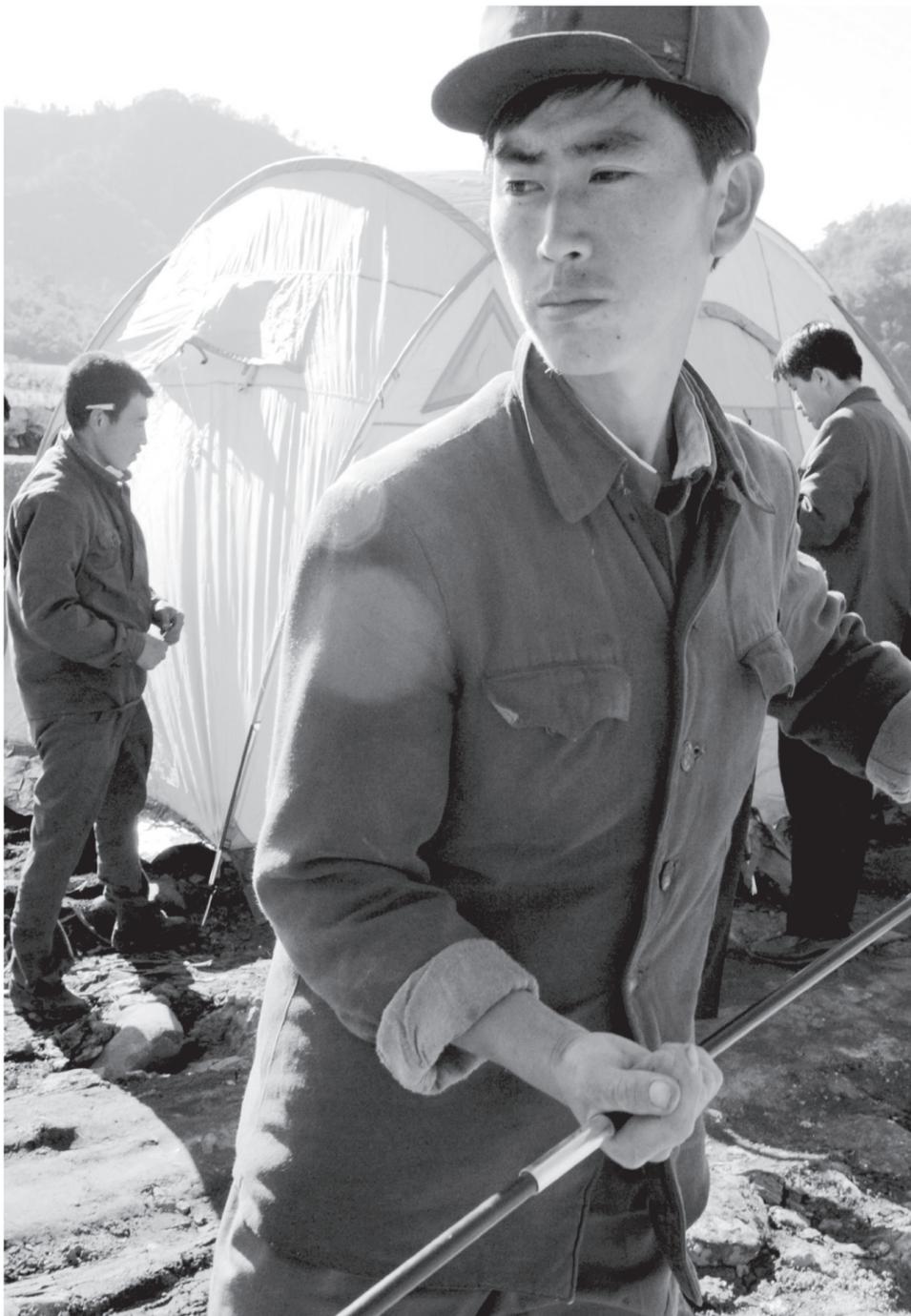
De tempos em tempos, o assunto volta à imprensa. Dessa vez – e novamente –, testes com mísseis e artefatos realizados pelo Estado asiático são o estopim para uma discussão mundial sobre a situação “nuclear” da Coreia do Norte. Mas que país é esse e qual a real ameaça que ele representa à chamada paz mundial?

A primeira pergunta não é tão fácil de responder, como fez questão de frisar o professor de Relações Internacionais da UFRGS Paulo Visentini: “Ninguém sabe nada sobre a Coreia do Norte. É uma nação desconhecida e sobre a qual se criou uma caricatura”. Apesar do sistema socialista, a ‘República Democrática Popular da Coreia’ apresenta particularidades que a diferenciam da China, do Vietnã e de Cuba. “É um sistema muito estranho para a nossa cultura política. O país sustenta o discurso comunista, conservando uma economia planejada. Porém, adquiriu a característica de uma monarquia confuciana, dos valores asiáticos tradicionais de hierarquia. Praticamente existe uma linhagem nobre no poder”, explica Visentini.

Como tudo começou - Segundo o professor, para entender a situação atual e o comportamento do Estado norte-coreano, é preciso analisar os acontecimentos históricos da região. Na virada do século XX, o Japão ocupou a península coreana, transformando-a em sua colônia à base de constantes brigas, como a imposição de que os coreanos adotassem nomes japoneses. Aproveitando-se dos recursos mais abundantes no norte, como hidrelétricas e minas, o país montou ali uma base industrial. Nessa região montanhosa se iniciou um movimento de guerrilha popular, do qual fez parte o jovem comunista e futuro líder Kim il-Sung.

Com o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, a península foi dividida, e criaram-se dois países: o norte foi ocupado pelos soviéticos e o sul, pelos americanos. “O norte era muito mais industrializado e desenvolvido, enquanto o sul era mais populoso e pobre, além de possuir tensões sociais fortes, porque os americanos colocaram no poder os senhores de terra que haviam colaborado com os japoneses”, afirma Visentini. Em 1948, Kim il-Sung assume o governo e o comando do Partido dos Trabalhadores, até hoje o único da Coreia do Norte.

Dois anos mais tarde, o líder manda suas tropas para o sul e dá início a um episódio da Guerra Fria: a Guerra da Coreia. Os americanos desembarcam no local com objetivos definidos: “Eles adotaram uma política de terra arrasada, e quem resistia era eliminado. Bombardeios destruíram praticamente toda a península, principalmente o norte”, relata o professor. De acordo com o doutorando do Núcleo de Estratégia



THE SHELTERBOX TRUSTY/DIVULGAÇÃO

Parte da formação da vida dos norte-coreanos se dá no Exército, já que o serviço militar é de sete anos

de Relações Internacionais (Nerint) da UFRGS Fabrício Ávila, o general MacArthur cogitou criar um corredor de 60 km nuclearizado para ninguém passar na fronteira entre a Coreia do Norte e a China.

Os três anos de confronto geraram um grande trauma na população norte-coreana, utilizado pelo governo como mecanismo de disciplinamento e união social.

Na década de 60, quando a União Soviética e a China começaram a divergir, o líder da Coreia do Norte criou a filosofia política chamada *Zuche*, que significa contar consigo mesmo: “É tanto uma atitude independente em relação à briga dos padrinhos como uma ideia de manter a independência de qualquer maneira. Mas também é uma atitude autodisciplinadora”, expõe Visentini.

A população - Até o final dos anos 70, a Coreia do Norte era praticamente a única nação além do Japão que possuía mais população urbana do que rural. Mas, a partir da década seguinte, os indicadores econômicos e sociais da Coreia do Sul ultrapassaram os da vizinha. Os anos 90 foram os piores para o

país. Depois da queda da URSS, vieram duas enchentes devastadoras e uma forte seca, além da morte de Kim il-Sung e a transição do poder para seu filho Kim Jong-il. “Desde então, passou-se a ter problemas de segurança alimentar”, destaca Visentini. A Coreia do Norte realiza comércio compensado (sistema de troca de produtos sem moeda) com a China, Irã e alguns países africanos, e tem poucas relações econômicas com a Coreia do Sul e o Japão. No entanto, até hoje depende de ajuda alimentar da ONU. A atenção do governo aos habitantes é mais eficiente nas cidades, e os camponeses, que só podem ficar com 30% de sua produção, são os mais atingidos pela fome.

Contudo, Fabrício Ávila diz que os norte-coreanos não sofrem o impacto do consumismo: “O cidadão não precisa de muito, e o Estado não dá muito, mas também não dá pouco”.

Visentini explica que há repressão e campos de trabalho forçado, mas os elementos dissidentes são casos individuais, e nunca chega a se formar um movimento de oposição. O professor destaca também que parte da forma-

ção da vida das pessoas se dá no Exército, já que o serviço militar é de sete anos e obrigatório também para as mulheres. O território tem 23 milhões de habitantes, 4 milhões de soldados e várias milícias. “O Exército da Coreia do Norte é uma força política e é como se cada cidadão fosse um soldado.”

Para Fabrício, o país tem muita força militar convencional, porém é difícil mensurar o poder de seu programa nuclear: “Medir o rendimento dos testes pela Escala Richter é complicado porque há outros fatores, mas meus cálculos prévios mostram que a bomba testada tinha rendimento dez vezes maior do que se estima que eles possuam”.

Apesar disso, o doutorando acredita que a “demonização” em torno do Estado é maior do que a real ameaça que ele representa à paz mundial. “Todos pensam que o mundo está mais pacífico e se preocupam com a Coreia do Norte, mas ninguém questiona as ogivas norte-americanas na Europa. De acordo com pesquisas, o continente tem quatrocentas bombas atômicas instaladas. Até que ponto estamos seguros com a Europa nuclearizada?”.

Fatos recentes

Maio

- Coreia do Norte afirma ter realizado com sucesso um novo teste nuclear e lança vários mísseis de curto alcance

Junho

- Jornistas norte-americanas que entraram ilegalmente no país são condenadas a 12 anos de trabalho forçado
- Conselho de Segurança da ONU aprova sanções contra o país, e navios norte-coreanos suspeitos de transportar armamentos poderão ser interceptados
- O país anuncia que qualquer interceptação de seus navios será considerada um ‘ato de guerra’
- Jornal sul-coreano revela que o sucessor Kim Jong-un já teria assumido o controle da polícia secreta
- EUA ampliam por mais um ano a vigência de sanções econômicas contra o Estado norte-coreano
- Coreia do Norte diz que reforçará seu arsenal e ameaça guerra nuclear

Objetivos claros, futuro incerto

O professor de Relações Internacionais Paulo Visentini concorda com a opinião de que o mundo não está ameaçado pela Coreia do Norte: “Ela quer dar essa impressão, mas não vejo que isso possa evoluir. Essa crise é um jogo calculado – não são loucos que não sabem o que fazer”, defende. De acordo com ele, o programa nuclear é a única moeda de troca do país na tentativa de fazer com que os EUA assinem um tratado de paz que garanta a cooperação econômica e a soberania da nação.

Com relação ao futuro dessa situação, é difícil fazer alguma previsão, já que, “pela lógica da globalização, a Coreia do Norte nem existiria mais”, frisa Visentini. A unificação da península não seria de interesse imediato de nenhum dos envolvidos: “A China não quer confronto, e o Japão não quer uma concorrência econômica maior. A Coreia do Sul teme a síndrome da unificação alemã e defende a criação de uma confederação. A Coreia do Norte não deseja ser absorvida, e não dá para esquecer que os EUA, se retirarem suas tropas do sul, deixam de ser os ‘donos do Pacífico’”, explana. Já a suposta transição de poder que estaria acontecendo no país – o sucessor Kim Jong-un estaria assumindo a liderança – pode, conforme o professor, causar uma momentânea paralisação no processo de decisão do governo.

Fabrício Ávila, doutorando do Nerint, acredita que os atores envolvidos tentarão buscar a estabilidade da região e que os principais temores das nações seriam a absorção da população, afora os custos que um sistema previdenciário pós-guerra e a destruição do território gerariam. Para ele, uma resolução plausível para a situação seria o fim do embargo econômico ao país: “Pode ser que a Coreia do Norte esteja trazendo justamente este desafio: como o mundo vai superar o bloqueio sem fazer guerra”.

Jaqueline Crestani, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabco



Conhecimento que vem do céu

História e tecnologia
Quatro décadas após a chegada do homem à Lua, o espaço se consolidou como ambiente de pesquisa



DIMITRI CASTRIQUE/WWW.SXC.HU

“Um pequeno passo para o homem, um salto gigantesco para a humanidade.” Foi o que disse Neil Armstrong instantes antes de ser o primeiro de nós a pisar a superfície lunar, no dia 20 de julho de 1969. A frase carregava a certeza de que as coisas não seriam as mesmas dali para frente. A distância entre o homem e o restante do universo parecia abolida, todos os mitos celestes colocados em xeque: a última fronteira havia sido alcançada.

Podemos soar uma façanha estéril frente aos muitos problemas do mundo, mas a ousadia de sair da atmosfera terrestre repercutiu no cotidiano de quem nem cogita despregar os pés do chão. Basta reparar em como os satélites mudaram a vida das pessoas. Mas, antes de vermos o que estamos herdando das viagens ao espaço, que tal um passeio pelo tempo?

Rixa celeste - A corrida espacial ocorreu ao longo da Guerra Fria, quando o mundo estava polarizado entre os Estados Unidos e a União Soviética, países com propostas antagônicas de política, economia, organização social, enfim, de quase tudo. Tal cenário obrigava uma disputa pela supremacia em todo e qualquer terreno. Uma partida de xadrez entre as duas potências era sinônimo de briga - e séria - para saber se era o capitalismo ou o comunismo que produzia os gênios mais brilhantes.

A rivalidade foi longe: “Os soviéticos contestavam boa parte dos descobrimentos ocidentais, em particular dos americanos: obscuros indivíduos supostamente teriam inventado tudo antes”, conta o professor Raúl Enrique Rojo, dos programas de Pós-graduação em Sociologia, Direito e Relações Internacionais da UFRGS.

Doutorando em História pela UFRGS e estudioso da historiografia norte-americana, Arthur de Lima Avila lembra que o expansionismo territorial é próprio da mentalidade de nossos vizinhos do hemisfério norte: “Não custa lembrar que eles começaram como uma pequena faixa de terra nas 13 colônias do leste e chegaram ao tamanho atual no final do século XIX. Isso marcou a experiência histórica norte-americana: ter sempre uma fronteira além da fronteira”. Arthur nota que a própria literatura de ficção dos anos 1920 e 1930 antecipava o anseio de se buscar um “novo lar”, que se confirmaria mais tarde, com a iminência da destruição nuclear do planeta.

O alerta máximo soou em 1962, quando os soviéticos instalaram mísseis em Cuba, a 150 km da costa estadunidense: “Após a Revolução Cubana, os EUA haviam tentado invadir Cuba. Fidel se alinhou à URSS e, com a crise dos mísseis, a coexistência pacífica foi abalada. Nunca estivemos tão perto de um colapso nuclear”, diz Regina Curtis, professora de História da Ulbra e do curso pré-vestibular Anglo.

Com o fim da Guerra da Coreia e a morte do líder soviético Josef Stalin, instaurou-se o clima de não beligerância. A contenda passou a se concentrar nas realizações econômicas, culturais e tecnológicas, ainda que, conforme Raúl Rojo, a situação não estivesse tão “fria” assim: “Por trás dessa concorrência pacífica, que alguns autores chamam de ‘equilíbrio à beira do abismo’, havia uma série de guerras locais, em que as grandes potências lutavam ‘por procuração’”. Não tardou para que os inimigos disputassem o além-céu.

A URSS chegou primeiro. Em outubro de

1957, o Sputnik I orbitou a Terra, colhendo dados inéditos sobre a atmosfera. Um mês depois, o Sputnik II subia com a cadela Laika, que morreu devido ao superaquecimento da cabine após o lançamento. A Agência Espacial Americana (NASA) só seria criada em 1958, dois anos antes de a URSS enviar seres vivos ao espaço - inclusive plantas - e fazê-los voltar a salvo. “O pioneirismo soviético gerou o chamado ‘efeito Sputnik’, que teve como uma de suas consequências o investimento maciço do governo estadunidense nas universidades, principalmente nos cursos de desenvolvimento tecnológico”, conta Arthur Avila.

Quando o cosmonauta soviético Yuri Gagarin se tornou o primeiro homem a chegar ao

seus laboratórios. Ainda que a pasta de dente comestível não tenha se tornado item de consumo, entram na lista os detectores de fumaça, o teflon das panelas, o tecido não inflamável e os microcomputadores. Buscando o sigilo de informações, o Departamento de Defesa dos EUA também financiou a criação do antepassado da Internet.

Antes da corrida espacial, não havia alternativa às fraldas de pano. Para que esse acessório descartável viesse auxiliar as mães e os idosos, foi preciso que os cientistas se preocupassem com os excrementos dos astronautas. Somente na medicina, são centenas de tecnologias resultantes dessas pesquisas.

O marcapasso, antes de dar sobrevida aos

conhecido internacionalmente pela produção científica voltada à adequação do homem ao ambiente espacial. Algumas das contribuições são para a área da telemedicina, que compreende o acompanhamento de parâmetros médicos a distância.

Buscando agilidade na aquisição de dados vitais dos astronautas, os pesquisadores do Microg desenvolveram um coletor de sangue do lóbulo da orelha que automaticamente realiza uma gasometria (leitura do pH e da densidade de gases em uma amostra sanguínea). Percebeu-se a aplicabilidade em Terra: “Punção arterial é algo complicado de se fazer. Mesmo com um médico treinado, a dor pode causar restrições de movimento. Com o nosso sistema, tu mesmo podes realizar tua gasometria, aqui, agora, e sem dor”, comenta o assistente de pesquisa Ricardo Cardoso.

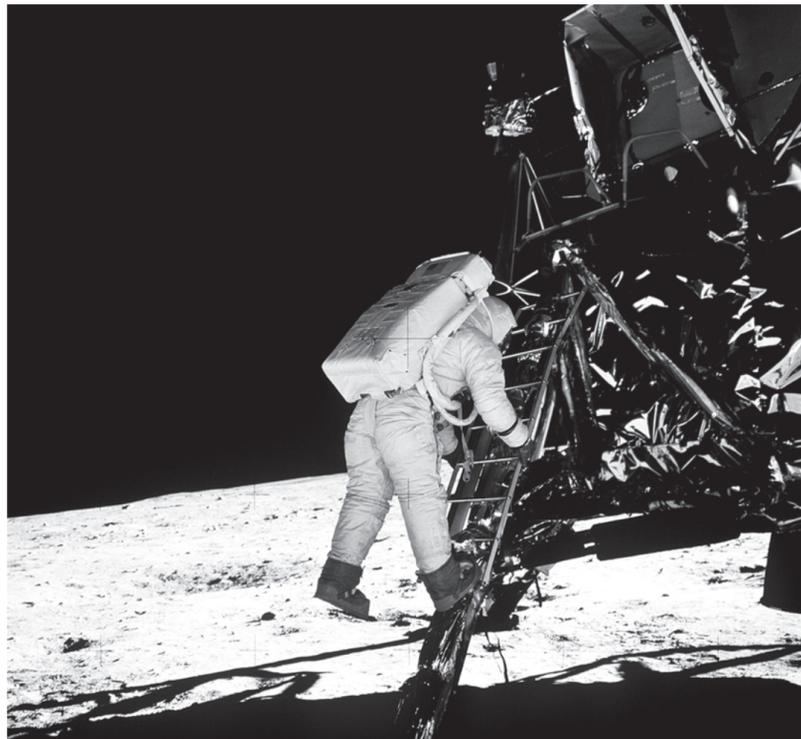
E como seria uma massagem cardíaca na Lua? A hipótese parece esdrúxula, mas, levada a sério no Microg, resultou em uma técnica para reanimação cardiopulmonar que pode ajudar em alguns casos: “A microgravidade gera uma desproporção de peso que dificulta a massagem. Isso pode ocorrer na Terra, quando a vítima é muito maior que o socorrista”, explica Thais Russomano, coordenadora do Centro. A descoberta é simples, mas importante: flexionar os braços durante a compressão pode compensar a resistência do tórax.

O Centro realiza, ainda, simulações de desorientação espacial e experiências sobre o comportamento de vegetais submetidos à hipergravidade: “Estamos fazendo plantas crescerem mais e com maior rapidez, o que pode ser aplicado na produção de cosméticos”, nota Thais, acrescentando: “Há dez anos, estabelecemos que toda a produção do Centro deveria ter aplicação no dia a dia das pessoas”.

Para o bem ou para o mal - A proposta vai ao encontro do que pensa a professora Regina, para quem a tecnologia deveria ter como norte a contribuição com as questões sociais. A ciência avança a passos largos quando estimulada por propósitos militares. Exemplos na História não faltam, e nossa época não é exceção: “Após o início da guerra do Iraque, o governo norte-americano investiu entre 150 e 200 milhões de dólares somente na Johns Hopkins University, onde fica o laboratório que controla o telescópio Hubble”, exemplifica Arthur Avila.

Para o professor, entretanto, o importante é a utilização que se dá a esse conhecimento: “O formato do Fusca foi desenhado na Alemanha nazista e pensado para atender a objetivos militares. Hoje, é um carro simpático. A questão é complexa, mas penso que a ética está menos na origem e mais no uso que tu das a essas ferramentas”, pondera.

De fato, ao preparar uma sopa desidratada, não pensamos que esse tipo de comida fora desenvolvido para alimentar astronautas e para atender, também, a interesses militares. Pretendemos apenas nos aquecer do frio noturno do inverno, talvez contemplando a Lua, avaliando o quanto aquele passo foi, sim, gigantesco. Afinal, concordemos, nosso inverno é outro depois dessas bem-vindas sopas instantâneas.



NASA IMAGES/DIVULGAÇÃO

O Universo no Museu

Na data em que a chegada do homem à Lua faz o seu aniversário de 40 anos, o Museu da UFRGS irá inaugurar a exposição *Em Casa, no Universo*. Às 19 horas do dia 20 de julho, as paredes do museu serão preenchidas com parte da história da Astronomia, com justa ênfase a Galileu, que, há exatos quatro séculos, explorou o céu com o telescópio. A mostra estará aberta à visitação de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h, de 21 de julho de 2009 a 21 de maio de 2010. O evento contará com atividades paralelas, como palestras e encontros, que se somarão ao conjunto de celebrações que movimentam o mundo em 2009, proclamado o Ano Internacional da Astronomia. (Leia mais sobre a exposição na página 14.)

espaço, em abril de 1961, os EUA já haviam lançado seus primeiros satélites. O projeto Apollo selaria a ultrapassagem estadunidense: propulsionada por um investimento de US\$ 20 bilhões, a Apollo 11 pousa, enfim, na Lua. Pouco depois, a tensão diminuiu: “Na década de 1970, começa a *détente*, período em que os dois países se aproximam, negociando a redução de armamento”, comenta Regina Curtis.

Tudo o que sobe desce - Todo o dinheiro gasto foi (literalmente) para o espaço? Não exatamente. A NASA calcula que mais de 30 mil “aplicações secundárias” surgiram nos

corações debilitados, já orbitava a Terra. Tratamentos mais efetivos contra a osteoporose chegaram à população depois de problemas ósseos dos astronautas terem estimulado o desenvolvimento de remédios. Tetraplégicos se beneficiaram com a tecnologia que permitiu a condução de carros espaciais com o queixo. Essas conquistas não estão restritas a ultrasecretos laboratórios, como a imaginação pode querer insinuar.

De Porto Alegre para o universo - O Centro de Microgravidade (Microg) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul é re-

Demétrio Pereira, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabrice



Alternativa contra a violência

Sociedade

Entidades gaúchas levaram sugestões à Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa

Jacira Cabral da Silveira

No futuro, o líder de uma gangue de delinquentes é preso e usado como cobaia num experimento para frear os impulsos destrutivos. Em Diadema, São Paulo, gangues marcam briga pelo Orkut e a polícia detém 112 jovens.

Essas histórias fictícias e reais ilustram alguns dos filmes e temas de debates que fizeram parte da Jornada Contra a Violência e por Justiça Social 2009, promovida por 12 entidades gaúchas de 14 a 24 de junho em Porto Alegre. A UFRGS foi representada pelo grupo de pesquisa Violência e Cidadania e pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE). Em paralelo às palestras e debates, os participantes e o público em geral assistiram à Mostra de Cinema, em que foram exibidos onze filmes de ficção e documentários abordando o tema central da jornada. A projeção de *Notícias de uma Guerra Particular* foi seguida de debate com a presença do cineasta João Moreira Salles. Também prestigiou o evento o escritor de *Cidade de Deus*, Paulo Lins, que palestrou e participou do debate após a exibição do filme inspirado em seu livro.

Para o coordenador geral do DCE, Glauco Araújo, é fundamental a articulação de todos os setores da sociedade para enfrentar esse grave problema: "A juventude é o grupo social que mais sofre com a violência, seja pela ação do tráfico de drogas, seja pela desastrosa intervenção estatal nas periferias, ao tratar do problema apenas sob a ótica da repressão policial".

Para o sociólogo José Vicente Tavares dos Santos, coordenador do gru-

po de pesquisa Violência e Cidadania da UFRGS, o encontro levou à sociedade uma concepção preventiva ante o crime e a violência. Outro aspecto positivo da iniciativa, na opinião do professor, é a origem de seus promotores, todos representantes de diferentes segmentos sociais: "Isso demonstra que a sociedade não está passiva".

Ao final da Jornada, foi realizada audiência pública promovida pela Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa, quando foi entregue ao presidente da comissão, deputado Dionílio Marcon (PT), o documento com as propostas elaboradas durante o encontro (*confira propostas no quadro ao lado*). Na ocasião, o presidente do Sindicato dos Bancários, Juberlei Baes Babelo, disse que um grave problema de segurança pública precisa ser enfrentado no estado: "A sociedade se organiza e cobra políticas para resolver esse problema, mas, apesar disso, os índices de violência estão aumentando. Queremos afirmar com convicção que o problema da segurança está ligado à desigualdade social que vivenciamos. Compreendemos que, para fazer segurança pública, temos de ter ações sociais. Nesse sentido, podemos dar uma contribuição para a redução dos índices de criminalidade. Uma sociedade segura para todos é o que nós queremos".

Filmes mobilizam - "A combinação debate e filme é interessante, não só porque o cinema informa, mas porque os filmes mobilizam dimen-



Para o antropólogo Luiz Eduardo Soares, a temática do amor deveria ser incluída nas políticas públicas

sões mais profundas da nossa inteligência." O comentário é do antropólogo e secretário municipal de assistência social de Nova Iguaçu (RJ), Luiz Eduardo Soares, um dos palestrantes da abertura da jornada. Para o especialista, o debate de ideias e o trabalho intelectual não são suficientes para acionar práticas sociais de mudança, "enquanto a emoção atendida talvez seja mais capaz de detonar, de desencadear ações comprometidas com linhas de mudança", argumenta.

Com base em sua experiência, Soares considera que o Rio de Janeiro é uma espécie de sintoma da gravidade do problema da segurança pública e da violência vivida em todo o país. "Alguns aspectos da realidade do Rio de Janeiro são os mesmos observados em outras cidades brasileiras, de modo que, avaliando a situação do Rio, talvez seja possível algum *insight* interessante dos desdobramentos em outras áreas, inclusive a região metropolitana de Porto Alegre, a despeito das diferenças e especificidades", ressalta.

Realidade carioca que ele diz ser fruto de um Estado que não cumpre a Lei de Execuções Penais (LEP) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): "Falar do Rio de Janeiro significa falar de uma série grande de problemas, mas muito especialmente da violência policial, da sua brutalidade e corrupção". E como o estado é responsável pelas polícias, "acaba sendo cúmplice da brutalidade policial, que, no caso carioca, é recordista mundial", afirma.

Crueldade ilimitada - Por outro lado, Luiz Eduardo enfatiza outra dimensão da violência que não se restringe às responsabilidades da União: "Por que matar se eu já me apropriei do bem? Por que fazer isso com prazer e de forma dolorosa? Por que atingir a face, o rosto, que tem um papel tão importante na humanização do indivíduo? Como é possível mutilar corpos com tanta facilidade?". Esse é um limite inquietante e perigoso em que "entramos na região do espírito humano, da psique humana, da vida social e cultural, dos fantasmas todos".

Para o especialista, essa dimensão constitutiva do sujeito amplia os questionamentos na hora da promoção das políticas: "Acho que devemos nos perguntar sobre violência e segurança pública, mas também sobre a crueldade e suas condições de possibilidade. Mergulhamos nesses abismos psicológicos e aí nos deparamos com a ausência de afeto, a baixa estima, experiências de degradação de si que tendem a criar condições propícias a práticas desse tipo".

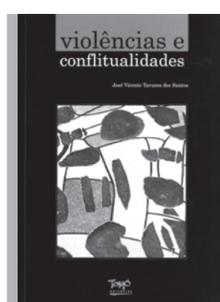
Esta é uma questão-chave, para o antropólogo: a questão do amor, "temática banida completamente dos discursos políticos e das discussões relativas às políticas públicas". Entretanto, Luiz Eduardo considera fundamental esse aspecto, "se quisermos entender possibilidades para reverter esse quadro da violência, especialmente da violência letal, ou da violência cruel, porque há uma distinção a fazer", conclui.

Propostas

Elaboradas durante a Jornada, estas propostas foram referendadas no dia 24 de junho, em audiência pública na Assembleia Legislativa do RS:

- implementar conselhos paritários, deliberativos e fiscalizadores, com participação da população, dos trabalhadores e do poder público;
- efetivar os gabinetes de gestão integrada, nos três níveis federativos, garantindo uma intervenção coordenada, articulada, direcionada e complementar;
- condicionar o financiamento da política nacional de segurança pública dos entes federados à existência de ouvidoria independente, com controle social e ações de controle e diminuição da violência policial;
- construir uma política de segurança pública articulada com a rede de proteção social que integre as diferentes dimensões da prevenção à violência: educação, cultura, saúde, assistência social, esporte, entre outros;
- fomentar a política de economia solidária (geração de trabalho e renda) como estratégia de prevenção à violência;
- articular as políticas sociais de prevenção com ações de justiça e polícia que devem ser qualificadas e com direitos humanos.

JU indica



Violências e conflitualidades

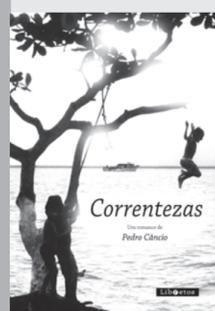
De José Vicente Tavares dos Santos
Tomo Editorial, 2009, 176 págs.,
R\$ 29 (valor médio)

A mundialização da sociedade, no início do século XXI, desenvolve-se por meio de um processo de constituição de formas sociais marcadas pelos efeitos excludentes das políticas neoliberais. As populações mais diretamente atingidas pela globalização têm como traço comum a desigualdade de oportunidades de vida nas áreas de saúde, habitação, trabalho, educação, segurança e participação política. Nesse contexto, a violência ganha novos contornos, passando a disseminar-se amplamente por toda a sociedade e configurando o que o autor chama de processo de dilaceramento da cidadania. Professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFRGS, José Vicente Tavares dos Santos diz que é preciso reconhecer

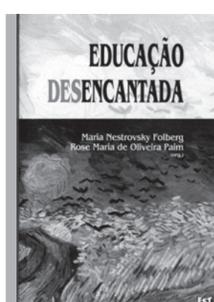
a violência no espaço escolar como uma das novas questões sociais mundiais. A partir da análise de dois levantamentos, realizados em 1998 e 2000 em escolas municipais de Porto Alegre, o pesquisador revela que houve um sensível aumento dos acontecimentos relacionados à violência na escola, com destaque para os atos violentos praticados contra o patrimônio (depredação de salas de aula e equipamentos). Fugindo da leitura simplista que classifica tais ocorrências como atos de vandalismo, o autor os identifica como uma reação social contra a escola por parte de jovens e adolescentes que foram ou se sentem excluídos da instituição escolar, mas que, por vias transversas, querem ser incluídos. (Ánia Chala)

Correntezas

De Pedro Cântio
Editora Libretos, 1.ª edição,
143 págs.,
R\$ 25 (valor médio)



No livro de Pedro Cântio, o rio é a própria vida. O Uruguai e o Ibicuí assistem, onipresentes, a encontros e despedidas, à festa dos risos e à correnteza das lágrimas. A Índia Paulina, desgarrada da jurisdição jesuítica desde pequena, vê seus filhos crescerem em um mundo em que a natureza se oferece como irmã. Fraquezas no universo urbano, a simplicidade e a pureza humanas são a fortaleza de Paulina diante da inclemência do tempo, que vai lhe tirando, sem pressa, o tão pouco que lhe bastava. A morte do papa-gaio Colorido faz João, companheiro da Índia, trazer o conforto derradeiro: "Foi o vento que levou o Colorido. E ele foi dar o esverdeado dele pras águas dos rios". É o que *Correntezas* nos diz: nada se perde. Tudo empresta às águas da vida um pouco do seu colorido. (Demétrio Pereira)



Educação (des)encantada

Organizado por Maria Nestrovsky Folberg e Rose Maria de Oliveira Pain
EST Edições, 2009, 160 págs.,
R\$ 24 (valor médio)

A obra traz reflexões sobre os desafios e cruzamentos entre Educação e Psicanálise. São textos organizados pelas psicanalistas Maria Nestrovsky Folberg e Rose Maria de Oliveira Pain que resultaram dos estudos desenvolvidos durante o Seminário de Psicanálise e Educação, promovido pela Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFRGS. Um dos autores, Donaldo Schüller, definindo mito como narrativa, indaga ao leitor em que medida a narrativa organiza os conflitos humanos. Ao mesmo tempo, assegura: "Pessoa inteligente sabe que decisões tomar diante de qualquer discurso". Noção que recomenda aos educadores quando lidam com crianças. Outros textos abordam o papel da escola na constituição subjetiva da criança. (Jacira Silveira)



Onde moram os escritores

Preservação

As casas dos acervos dos autores nem sempre lhes conferem descanso eterno

Caroline da Silva

Agora é certo: Erico e Quintana vão de braços dados para a Gávea. A família Verissimo já assinou o contrato de comodato com o Instituto Moreira Salles (IMS - ims.uol.com.br) e, em breve, Elena Quintana, sobrinha-neta do maior poeta gaúcho, formalizará a decisão já tomada. “O acervo vai para o IMS. Algumas cláusulas que ainda estavam sendo discutidas foram resolvidas.” O material permanecerá sob a guarda daquela instituição por 10 anos, conforme o mesmo sistema acordado pelos Verissimo.

A herdeira de Quintana esclarece que não está vendendo o acervo – ele é a imortalidade do escritor. “Jamais faria isso, mas o IMS é o melhor lugar onde poderia ficar. O tio Mario tem aquele poema [O mapa] em que fala ‘Cidade do meu andar/ (Deste já tão longo andar!)’”. O que está acontecendo é que o andar dele era para parar e não está parando, ele vai andar mais um pouco...”

Fernanda Verissimo tem a mesma opinião, mencionando que a instituição carioca dispõe do melhor projeto de conservação de acervos no Brasil. A neta do prosista explica que a definição deveu-se tanto às condições oferecidas quanto ao fato de o Instituto ter mostrado interesse na obra do seu avô. “Estava tudo encaixotado aqui em casa. O importante é preservar e fazer com que seja usado. Nossa maior preocupação é essa.”

Reação - Lutando com a porta emperrada de um antigo armário no Instituto de Letras da UFRGS, a fim de mostrar o acervo de Guilhermino Cesar, Márcia Ivana de Lima e Silva questiona se pode culpar uma família por querer tirar a memória de um escritor dessas condições: “Diante disso, não há argumento. Vou dizer o quê?”

Para a professora, o fato de o autor ser do Rio Grande do Sul é pouco relevante. “Há um contrassenso. Brigamos contra o fato de escritor gaúcho ser sempre ‘literatura regional’, que o que vale para a literatura nacional é aquilo que está no eixo Rio-São Paulo, etc. Aí, quando vem um Instituto como esse, de projeção nacional, e leva os acervos tanto do Quintana quanto do Erico, sacramentando o valor desses escritores, achamos ruim. Só que não fizemos nada para mantê-los aqui.”

Maria da Glória Bordini, profes-



A professora Márcia Ivana de Lima e Silva coordena projeto de pesquisa dos acervos de Guilhermino Cesar e Caio Fernando Abreu

sora colaboradora no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade, acha nosso bairrismo inócuo e acredita que não perderemos a identificação com nossos autores se seus acervos não ficarem geograficamente localizados no RS. “Estar aqui ou estar em qualquer outro lugar do globo, desde que eles existam, faz com que permaneça preservada a sua identidade e haja até a sua ampliação para uma modalidade mais global num centro maior e com mais recursos. Não vejo por que um autor tenha de ser considerado apenas regional; na verdade, qualquer autor, antes de tudo, é autor da literatura. E a literatura não tem mais fronteira. O processo de informatização mais a globalização econômica rompeu com as fronteiras, e não vejo por que um autor tenha de ficar no local em que ele nasceu. Quanto maior a difusão da sua obra, mais ele poderá ser lido.”

Elena Quintana considera preocupante o fato de haver acervos no estado em condições precárias. “As pessoas têm que entender o que é um acervo. Ele é para pesquisadores. No IMS haverá um tratamento de digitalização que permitirá que se tenha acesso a ele.” Maria da Glória também acredita que talvez haja uma incompreensão sobre o papel de um acervo literário – que não é o mesmo que o de um museu. A professora defende que a memória de um escri-

tor, além dos seus papéis e dos seus vestígios de vida e de atuação, está nos seus livros. É muito mais importante para os sul-rio-grandenses ler o autor, mantê-lo sempre vivo entre as novas gerações. “Enquanto houver leitores, existe Erico Verissimo para o Rio Grande do Sul.”

A memória de um escritor, além dos papéis e dos seus vestígios de vida, está nos seus livros

Acervo - Maria da Glória, que começou a organizar os documentos de Erico em 1983, explica do que é constituído esse espólio: esboços das obras, desenhos, cartas, notícias de jornal, fotografias, filmes, fitas VHS e de áudio, CDs, troféus, medalhas, estatuetas, homenagens (até trabalhos escolares que mandavam para o escritor), discursos proferidos, prestação de contas, contratos editoriais, comprovantes de todas as edições da obra, documentos, *souvenirs* que o autor guardou de viagens...

Márcia Ivana, que foi orientanda da professora Maria da Glória, ajudou a organizar o acervo de Erico e diz que foi contagiada por essa paixão.

As pesquisadoras chamam a atenção para o fato de que o escaneamento permite diminuir a necessidade de se mexer nos originais de cada item. Também quanto à conservação, Elena Quintana afirma que existem climatização e umidificação necessárias, demandando uma infraestrutura muito sofisticada para a preservação dos papéis.

IMS - Os escritores gaúchos vão se encontrar com Ana Cristina Cesar, Lygia Fagundes Telles, Otto Lara Resende, Rachel de Queiroz e Clarice Lispector. Nos últimos anos, o Instituto Moreira Salles criou uma respeitável reserva técnica nas áreas de Fotografia, Música e Artes Plásticas; recentemente tem investido na Biblioteca. A família tem a intenção de que seu nome fique atrelado à memória cultural do país e, na opinião de Elena Quintana, isso não é fada, é o que demonstram realmente.

A previsão de digitalização do acervo de Erico Verissimo é de um ano. Para o de Quintana, o provável é que demore um pouco mais.

A professora de Literatura admite que, quando há dinheiro e boa vontade, as coisas ficam mais fáceis. “O Instituto Moreira Salles quer criar

uma tradição de preservação da memória, e acho que está conseguindo. Tem que se dar crédito a eles. Não havendo política estatal para isso, a iniciativa privada assume.”

Universidades - A UFRGS é o endereço físico do gaúcho Caio Fernando Abreu e do mineiro Guilhermino Cesar, que teve grande atuação intelectual no Rio Grande do Sul.

A coordenadora dos acervos é Márcia Ivana, cujo projeto de pesquisa se chama “Arquivos Literários e Memória Cultural”, com uma bolsista da Fapergs e outra da Propesq/UFRGS, e mais duas estudantes de Letras voluntárias.

Embora a conservação dos papéis na Universidade seja razoável, pelas salas serem arejadas e sem umidade, a professora esclarece que “o ideal seria que houvesse no meio de cada folhinha um papel neutro e que tudo estivesse em pastas melhores, mas isso custa caro”.

Mesmo assim, Márcia cita uma instituição de ensino como bom exemplo de casa para acervos. O Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo, abriga a obra de Guimarães Rosa, Mário de Andrade, Graciliano Ramos e Osman Lins. “Como a USP é estadual e em São Paulo respeita-se a Constituição do estado: 2% do PIB vai para a Fapesp, que financia as pesquisas.”

Quintana - O cupim é o culpado

“A diferença do acervo do tio é que ele vive aqui.” Impossível negar isso pela voz do próprio Quintana dizendo versos que ecoavam pelas paredes do apartamento de três cômodos. Dois deles estão inteiramente tomados. No primeiro quarto, de onde vinha o som do LP recuperado dos poemas “ditos”, estão as prateleiras com caixas organizadas em classes, dois computadores e um *scanner*. O segundo quarto guarda a biblioteca do escritor e um armário com objetos pessoais. Há pedras de giz espalhadas pelos cantos para espantar a umidade. Na cozinha, além da pia, duas cadeiras de praia,

uma mesinha com um micro-ondas para café ou chá e lanches rápidos. O resto do imóvel está vazio. E ali, hoje, reside o poeta. Pelo menos era o que garantia a correspondência de um banco recém-chegada para Mario Quintana. O próximo endereço terá de ser modificado: da Rua Mariante para a Rua Marquês de São Vicente, do Bairro Rio Branco para o da Gávea, na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Das 15 classes que formam o acervo, somando cerca de 10 mil itens, somente interessa ao Instituto Moreira Salles o material útil para pesquisa. Viajarão, portanto, 11 classes, abrangendo

principalmente documentos e livros. Vida, memorabilia (roupas, objetos pessoais), obra e história editorial permanecerão sob os olhos zelosos da sobrinha-neta Elena.

Michele Zgiet de Carvalho, professora de Literatura e mestranda em Literatura Brasileira na UFRGS, e Rossana Vecchio, Relações Públicas que faz especialização em Patrimônio Cultural e Identidades, trabalham duas vezes por semana na catalogação e digitalização do acervo. O material, embalado em papel bolha e/ou papel de seda, está separado em caixas de arquivos, identificadas com a sigla ALMAQ:

Acervo Literário Mario Quintana.

“Estávamos tranquilas, até o belo dia em que vimos um buraquinho de cupim na porta da frente. Foi o que me apressou.” A sobrinha sempre se pergunta o que o escritor faria. Sua herdeira única por vontade dele próprio, que não queria que sua obra se dividisse, a diretora de teatro mede com esmero cada decisão e é extremamente cautelosa com o acervo do poeta, “que até hoje foi sustentado com os direitos autorais dele. Ele ficaria muito orgulhoso disso.” O imóvel também foi deixado a ela, além da missão de nomear somente uma sucessora.



► **Redação** Ánia Chala | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE

Em casa, no universo



Astronomia
Exposição
celebra a
ciência que
levou homem
a explorar
o espaço

No próximo dia 20, data em que se comemoram os 40 anos da chegada do homem à Lua, o Museu da UFRGS inaugura a exposição *Em casa, no universo*, que apresenta parte da história da Astronomia, com ênfase no trabalho do astrônomo italiano Galileu Galilei (1564-1642), cujas observações no telescópio revolucionaram o conhecimento humano. A mostra, que se insere nas atividades globais do Ano Internacional da Astronomia, também irá destacar alguns temas de pesquisas contemporâneas em Astrofísica.

Segundo a diretora do Museu, Cláudia Porcellis

Aristimunha, várias escolas já inscreveram turmas para visita e participação nas oficinas que serão realizadas durante o período da exposição. "A maior procura tem sido das escolas públicas, mas procuramos atender a todas as instituições que fazem contato com o Museu", esclarece, acrescentando que sua equipe trabalha com uma estimativa de público de 7 mil visitantes até o final deste ano.

Cláudia diz ainda que o foco da mostra é a educação básica e que, semanalmente, serão realizados encontros preparatórios com professores que pretendam trazer grupos de alunos, como forma de melhor explorar os conteúdos astronômicos em sala de aula.

A exemplo de outras exposições, esta também terá mediadores especialmente treinados para atender ao público. "Além disso, um bolsista orientado pelo professor da Faculdade de Educação Sérgio Lulkin

fará pequenas intervenções teatrais, trabalhando com os temas abordados na mostra", revela Cláudia.

Em casa no universo poderá ser visitada de 21 de julho deste ano até 21 de maio de 2010, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h. A mostra tem como parceiros o Museu da UFRGS, o Planetário Professor José Baptista Pereira, o Observatório Astronômico, o Departamento de Astronomia, o Observatório Itinerante do Instituto de Física da UFRGS, as Prórreitorias de Pesquisa e de Extensão. Também participam a Universidade Federal do Pampa e a Universidade Federal de Pelotas. Respondem pela curadoria da exposição os professores Maria Helena Steffani, Basílio Xavier Santiago e Eduardo Bicca, além do físico Cláudio Bevilacqua. Agendamento de grupos pelos telefones 3308-3050 ou 3308-3390 ou pelo site www.museu.ufrgs.br/agendamento.

MÚSICA

OSPA-UFRGS

Série de apresentações da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre.

7.º CONCERTO SÉRIE OFICIAL
Concerto com obras de Dimitri Cervo, Artur Barbosa, N. Rimsky-Korsakov, P.I. Tchaikovsky e M. Mussorgsky. Solista: Alejandro Drago (violino). Participação do Coral da Santa Casa, do Coral da UFRGS e do Coro Sinfônico da OSPA. Regência do maestro Manfred Schmiidt
Data: 21 de julho (terça-feira)
Local e horário: Salão de Atos, às 20h30min
Ingressos a R\$ 20 na bilheteria do Salão de Atos, das 11h às 19h

Interpretação e Técnicas Especiais para Violino no Tango

Masterclass e workshop com o violinista, maestro e professor argentino Alejandro Drago, músico que combina virtuosismo clássico e versatilidade musical. Sua discografia, na França, nos EUA e na Argentina, inclui quartetos de cordas, concertos, tangos de vanguarda para o selo EMI International e obras para violino solo.
Datas: 22 de julho, masterclass de violino e viola; 23 de julho, workshop Local e horários: Auditorium Tasso Corrêa, no dia 22, das 9h às 12h e das 14h às 17h; e no dia 23, das 14h às 17h
A masterclass tem entrada franca, mas o workshop requer inscrições prévias, que podem ser feitas até 17 de julho junto à Coordenadoria das

Atividades de Extensão do Instituto de Artes.
Informações: 3308-4325

Leandro Maia



Show com o músico gaúcho que apresenta as canções de Palavreiro, seu disco de estreia. Leandro Maia é educador musical e mestre em Literatura Brasileira pela UFRGS. Seu primeiro CD é um

tratado autoral em três partes sobre a canção brasileira, que mistura formas eruditas e populares: em suas canções aparecem trechos de Villa-Lobos, Lennon e McCartney, Richard Wagner, Kurt Cobain, além de literatura de cordel, haicai e poesia concreta. No dia seguinte à apresentação, às 14h, na Sala Fahrion da reitoria, haverá a oficina Cancionística: Poética da Canção, direcionada a cantores, compositores, músicos e estudantes.
Data: 6 de agosto (quinta-feira)
Local: Salão de Atos da UFRGS, às 19h
Retirada de ingressos mediante a doação de 1kg de alimento a partir de 29 de junho na bilheteria do Salão de Atos.

CINEMA

Nouvelle vague: uma câmera na mão e uma ideia na cabeça

Mostra comemorativa aos 50 anos do movimento que deu uma nova face à sétima arte. A atividade, iniciada em 1.º de julho, foi organizada em parceria com a Aliança Francesa e a Embaixada da França no Brasil e tem o apoio do Centro de Entretenimento E o Vídeo Levou. Sessões com entrada franca.

ACOSSADO



(França, 1959, 86 min.), de Jean-Luc Godard
Sessões: 20 de julho, às 19h; 21 de julho, às 16h

CARMEN DE GODARD (Suíça, 1983, 80 min.), de Jean-Luc Godard
Sessões: 21 de julho, às 19h; 23 de julho, às 16h

BANDA À PARTE (França, 1964, 97 min.), de Jean-Luc Godard
Sessões: 23 de julho, às 19h; 24 de julho, às 16h

VIVER A VIDA (França, 1962, 80 min.), de Jean-Luc Godard
Sessões: 24 de julho, às 19h; 27 de julho, às 16h

A CHINESA (França, 1967, 96 min.), de Jean-Luc Godard
Sessões: 27 de julho, às 19h; 28 de julho, às 16h

ANO PASSADO EM MARIENBAD (França/Itália, 1961, 94 min.), de Alain

Resnais
Sessões: 28 de julho, às 19h; 30 de julho, às 16h

HIROSHIMA MEU AMOR (França/Itália, 1961, 94 min.), de Alain Resnais
Sessões: 28 de julho, às 19h; 30 de julho, às 16h

AMORES PARISIENSES



(França, 1997, 120 min.), de Alain Resnais
Sessões: 30 de julho, às 19h; 31 de julho, às 16h

MEDOS PRIVADOS EM LUGARES PÚBLICOS (França e Itália, 2006, 120 min.), de Alain Resnais
Sessão: 31 de julho, às 19h

Envelhecimento em cena: cindebate

Ciclo organizado pelo Centro de Lazer e Recreação do Idoso (Celari) da ESEF em parceria com a Sala Redenção. Sessões com entrada franca.

BALEIAS DE AGOSTO (EUA, 1987, 80 min.), de Lindsay Anderson
Duas irmãs vivem das lembranças dos seus bons momentos, até que um velho nobre russo aparece.
Sessão: 19 de julho, às 13h

A História vai ao Cinema com Aplicação Contemporânea III

Mostra organizada pelo Colégio de Aplicação da UFRGS em parceria com a Sala Redenção. Ingressos a R\$ 3

O PODER VAI DANÇAR (EUA, 1999, 109 min.), de Tim Robbins
História da montagem da peça teatral "The Cradle Will Rock", censurada pelo governo americano na véspera de sua estreia.
Sessão: 22 de julho, às 16h

UM HOMEM BOM (Inglaterra/Alemanha, 2008, 96 min.), de Vicent Amorim
Professor universitário vê sua vida mudar quando se interessa por uma de suas alunas.
Sessão: 29 de julho, às 16h

CineDHebates em Direitos Humanos

Exibição promovida pela Liga dos Direitos Humanos. Projeto acadêmico-social das Faculdades de Educação e de Direito da UFRGS, do Observatório dos Direitos Humanos e da Escola Superior do Ministério Público da União.

UMA VERDADE INCONVENIENTE



(EUA, 2006, 100 min.), de Davis Guggenheim
Documentário em que o ex-vice-presidente dos EUA Al Gore discute a questão do aquecimento global.
Sessão: 22 de julho Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Entrada franca

Darwin 200 Anos

Mostra de filmes que integra a programação do simpósio dedicado ao bicentenário do naturalista inglês e aos 150 anos da publicação da obra *A Origem das Espécies*.

GATTACA (EUA, 1997, 112 min.), de Andrew Niccol
Num futuro em que os seres humanos são geneticamente selecionados em laboratórios, um jovem decide contrariar o que a ciência determinou como seu limite.
Sessão: 5 de agosto, às 9h30min
Entrada franca

ONDE?

Auditorium Tasso Corrêa
Rua Senhor dos Passos, 248
Fone: 3308-4318

Depto. Difusão Cultural
Av. Paulo Gama, 110 - mezanino do Salão de Atos
Fones: 3308-3034

Museu da UFRGS
Av. Osvaldo Aranha, 277
Fone: 3308-3390

Sala Alzira Azevedo
Av. Salgado Filho, 340
Fone: 3308-4318

Sala Redenção
Rua Luiz Englert, s/n.º
Fone: 3308-3034

Salão de Atos
Av. Paulo Gama, 110
Fone: 3308-3066

CURSOS & PALESTRAS

Conhecendo Júpiter

Palestra promovida pelo Museu da UFRGS em parceria com o Observatório Astronômico com o físico e astrônomo Cláudio Bevilacqua. Após a palestra, os participantes poderão observar o planeta no telescópio localizado no prédio do Observatório.
Data: 18 de agosto (terça-feira)
Local e horário: Mezanino do Museu da UFRGS, às 19h
Entrada franca
Informações: 3308-3050 ou pelo site www.museu.ufrgs.br

Criação Mitológica

Oficina para estudantes do ensino fundamental (4.º, 5.º, 6.º séries) em que se apresentarão as histórias míticas relacionadas aos nomes das constelações. A atividade é organizada pelo Museu em parceria com o Planetário da UFRGS.
Ministrantes: Maria Helena Steffani e

Maria de Fátima de Oliveira Saraiva

Data: 18 de agosto (terça-feira)
Local e horário: Mezanino do Museu, das 14h30min às 16h30min
Entrada franca

3.º Seminário Olhares Diversos e Contemporâneos

Evento do Núcleo de Antropologia do Corpo e da Saúde da UFRGS. Entre os conferencistas convidados, o professor Luiz Fernando Diaz, do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Período: 26 a 28 de agosto (quarta a sexta-feira)
Local e horário: Câmpus do Vale
Inscrições de trabalhos até 30 de julho pelo e-mail nupacs@yahoo.com.br
Informações pelo telefone 3308-6865

TEATRO

Mostra de Teatro do DAD 2009/1

Apresentação da produção teatral desenvolvida pelos alunos formando nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Teatro do Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da UFRGS.

PONTES QUEBRADAS
Inspirado na personagem Dama da Noite, da obra de Caio Fernando Abreu, e em outros fragmentos de textos literários, o espetáculo acompanha momentos da vida de uma mulher que se depara com os temas que marcam seu universo, como a solidão, a corrupção, o medo e a morte. Trabalho produzido para a disciplina de Estágio de Atuação I, de Tiziani Edler, sob orientação do professor Francisco de Assis.
Apresentações: 3, 4, 5, 10, 11 e 12 de agosto
Local e horário: Sala Alzira Azevedo, às 20h
Entrada franca

CARINA ESTÁ VIVA



A personagem convida o público para tomar chá com biscoitos em sua casa enquanto revela o segredo de por que decidiu se matar. A partir de seus relacionamentos amorosos, ela divaga sobre duas teorias radicalmente opostas: a da finitude e a da eternidade humanas. Peça encenada por Carina Dias para a disciplina de Estágio de Atuação I, com direção de Leônidas Rubenisch e orientação da professora Gisela Habeyche, a partir de texto de Paulo Santoro.
Apresentações: 7, 8 e 9 de agosto
Local e horários: Sala Alzira Azevedo, às 12h30min e às 20h
Entrada franca

Meu Lugar na UFRGS



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

Matinho da Biotec

Que o Câmpus do Vale tem uma área verde muito grande, todos sabem. Um pedaço dessa “floresta” foi, durante o período de graduação, especial para Dennis Maletich Junqueira. O agora mestrando em Genética e Biologia Molecular na Universidade conta que, junto com alguns colegas, instalou-se no “matinho da Biotec” ainda no primeiro semestre do curso de Biologia. “A gente gostava de discutir as matérias, e nos locais de estudo disponibilizados pela faculdade, como a biblioteca, é necessário manter-se em silêncio. Então resolvemos procurar um lugar onde pudessemos falar bastante, e encontramos esse aqui”, relata o biólogo, tendo como fundo o canto dos pássaros.

O recanto escolhido pelo grupo recebeu tal apelido em função de ficar ao lado do prédio do Centro de Biotecnologia. Não muito distantes da calçada, mas um pouco escondidos pelas plantas, mesas de concreto e bancos de madeira formam o cenário que lembra uma sede campestre. Sentado novamente em um dos bancos que fizeram parte de sua vida acadêmica, Dennis esclarece por que se identifica com o espaço: “Eu gosto dessa natureza em volta. Acho extremamente agradável ficar aqui nesse ambiente calmo”.

Quando ainda finalizava o curso de Biotecnologia da Escola Técnica, o local ajudou o mestrando a relaxar durante a correria dos primeiros semestres da faculdade. O ingresso no curso técnico revelou a decisão acertada pela área. “Eu tinha dúvidas em relação ao que queria fazer, principalmente porque minha família é muito ligada às Artes, e eu tinha uma certa tendência de seguir nessa área. Mas pensei muito bem e acabei optando pela Biologia. Hoje gosto muito do que faço”, afirma.

Os cinco colegas que costumavam frequentar diariamente o “matagal” durante os intervalos das disciplinas com horários bastante descontínuos da Biologia concluíram a graduação no final do ano passado. Alguns deles foram imediatamente aprovados na seleção de mestrado e continuam na UFRGS, porém já não passam pelo local todos os dias. “Atualmente, me divido entre a Universidade e a Fundação Estadual de Produção e Pesquisa em Saúde (Fepps). Eu venho para o Vale todos os dias, mas as aulas da pós-graduação acontecem no prédio da Genética e não tenho como passar por aqui”, lamenta Dennis.

É em um centro tecnológico da

Fepps que o pesquisador desenvolve seu estudo em Virologia, sua área preferida desde a faculdade, quando foi bolsista de Iniciação Científica em laboratório e trabalhou com o vírus da raiva. “Agora vou fazer a epidemiologia molecular do HIV no Rio Grande do Sul e estudar as mutações associadas ao uso de medicamentos antirretrovirais oferecidos pelo SUS”, explica.

Mas não é dos estudos para as provas de Virologia que Dennis lembra ao falar do seu lugar na Universidade. Segundo ele, divertiu-se mesmo era quando ele e seus colegas estudavam para os testes de Botânica: “Apesar de serem provas difíceis, porque havia muita coisa para saber, era bom estudar aqui, pois a gente ficava apontando para as árvores e dizendo a qual família pertenciam”.

Não foram apenas os estudos que marcaram a memória de Dennis. Os graduandos, que já chegaram a ficar cerca de cinco horas seguidas por lá, sempre que podiam almoçavam juntos no RU e descansavam aproveitando o ar fresco antes da aula, uns deitados nos bancos, outros sentados nas mesas. “Meu lugar na UFRGS é esse aqui pelas recordações da graduação, pelos amigos. A gente vinha para cá para conversar ou estudar. Enfim, é um lugar de boas lembranças”, afirma.

Os colegas se tornaram grandes amigos e ainda se encontram diariamente no trabalho ou no mestrado. “Esses dias, conseguimos vir aqui eu e mais dois, que também fazem pós, para tomar um café e conversar. Depois cada um foi para a sua aula”, conta sorrindo o biólogo, já familiarizado com os insetos do local. Possivelmente, Dennis ainda terá várias oportunidades de dar uma fugida até o “matinho da Biotec” para matar a saudade da graduação, já que não tem planos de deixar de frequentar o Vale tão cedo: “Assim que acabar o mestrado, pretendo fazer doutorado, pós-doutorado, e assim por diante. Tudo aqui na UFRGS”.

Jaqueline Crestani e
Caroline da Silva

Esta coluna é resultado de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas de televisão com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET às segundas, terças, quintas e sextas-feiras, a partir das 21h30min.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil Médico-professor

Manfroi
Pesquisa e escreve sobre ciência e experiência de vida

Jacira Cabral da Silveira

Waldomiro estava cuidando da venda de secos e molhados da família, num lugarejo a 60 km de Palmeira das Missões, no interior do interior do Rio Grande do Sul. De repente, o garoto de 12 anos vê entrar uma senhora com o filho semimorto nos braços, pedindo pelo amor de Deus que ajudassem o menino.

Sensibilizado com a situação e sem coragem de negar auxílio, Waldomiro começou a juntar algumas essências, assim como vira o pai fazer tantas vezes em ocasiões semelhantes. Poções prontas, deu-as à criança, e recomendou à mãe que ministrasse os remédios de tantas em tantas horas. “Ela foi embora e eu não dormi mais: matei o guri!”, pensou.

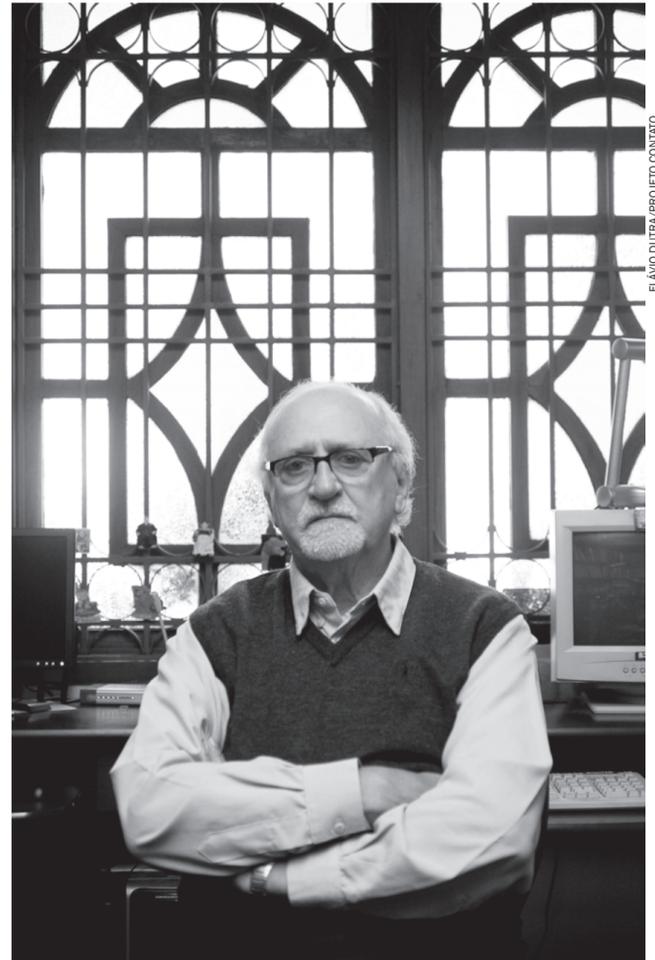
O sufoco durou até a sexta-feira daquela semana, quando a mulher voltou trazendo o filho curado e uma sacola cheia de guloseimas em agradecimento. A sensação de ter ajudado a salvar uma vida foi importante, mas ainda não seria o fator decisivo para a opção futura pelo curso de Medicina.

A dor de cabeça de seu irmão, depois de um baile, quando eram estudantes do Julinho, em Porto Alegre, bem que poderia ser o efeito da bebida daquela madrugada. Só que a dor voltou outras vezes e o diagnóstico médico demoliu a família. O luto por seu grande parceiro nas cidades estranhas em que estudaram (Sarandi e Cruz Alta), somado a problemas familiares que eclodiram à mesma época, levou Waldomiro a uma depressão profunda.

Meio sem rumo e precisando falar com alguém, lembrou do tratamento atencioso do médico que cuidara de sua mãe e, mesmo sem dinheiro para pagar a consulta, arriscou e foi tentar orientação. “Se cada vez que morre uma pessoa nós vamos morrer junto, o mundo acaba. Mas as pessoas que morrem não querem que o mundo acabe; querem que cuidemos do mundo.” Depois do comentário do médico Elío Lopes, veio o puxão de orelha: “Vai pegar teus livros. Vai estudar Medicina e ajudar a descobrir a cura do câncer!”. Waldomiro Carlos Manfroi ingressou na Medicina da UFRGS em 1960.

Na Universidade - Estava decidido a aprender tudo sobre medicina e a trabalhar no interior. Manfroi não era um sobrenome conhecido em Porto Alegre – condição decisiva para o início da carreira. A pressa em aprender fez com que começasse a trabalhar já no segundo ano do curso, no serviço de câncer da Santa Casa. Sempre trabalhou aos finais de semana até o quinto ano, passando por diferentes setores do hospital, até saber de uma certa Enfermaria 38: “Lá os caras falam inglês e fazem pesquisa”. Foi onde encontrou um outro tipo de medicina e de docência: “Uma linguagem científica, com o compromisso de escrever artigos”. Ali ficou por três anos: dois de residência médica e um de aperfeiçoamento como bolsista da Capes.

Ao concluir sua experiência na



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

“Entendi o que era ser professor e passei a trabalhar construindo o conhecimento”

Enfermaria 38, trabalhou como professor voluntário e, já no final de seu primeiro ano de docência, foi homenageado pela turma de 1969. No dia 20 de janeiro de 1970 foi contratado como auxiliar de ensino e, no ano seguinte, fez especialização em Metodologia do Ensino para Docência da Saúde, na Faculdade de Educação da UFRGS. “Aí entendi o que era ser professor e passei a trabalhar construindo o conhecimento com os jovens estudantes de Medicina.”

Com a Reforma Universitária, na década de 70, o colegiado dos departamentos designou Manfroi como responsável pelas técnicas de ensino de todos os departamentos de aprendizagem da Medicina. “Eu vibrei: saía o catedrático e entrava um jovem professor que trabalhava em grupos, fazia seminários.” Foi ele que introduziu a prática da tutoria na Universidade, escolhendo alunos do quinto ano como monitores de pequenos grupos de alunos dos semestres precedentes. Mas sua visão progressista esbarrou na resistência de alguns: “É uma subversão, os alunos não sabem mais o lugar deles”, foi o que ouviu ao ser destituído do cargo. A decepção o fez decidir-se por uma segunda especialização, agora nos Estados Unidos, no St. Joseph’s Hospital Health Center, de 1973 a 1974.

Em 1985, Manfroi foi eleito diretor da Faculdade de Medicina, cargo que voltaria a ocupar no período de 2001 a 2005. Em sua primeira gestão, buscou experiências bem-sucedidas de outras faculdades para construir sua proposta. Além de desenvolver vários projetos e instituir assessorias, criou o Programa de Educação Médica Continuada, existente até hoje, e que possibilita a todo ex-aluno uma semana de atualização a cada cinco anos de prática. Antes disso, como pesquisador, montou o laboratório de Hemodinâmica da Faculdade de Medicina, projetando definitivamente a instituição no cenário internacional.

Todo o comprometimento de Manfroi com a qualidade administrativa e pedagógica da UFRGS levou-o a concorrer ao cargo de reitor em três ocasiões. Essa permanente disponibilidade é uma característica que o acompanha desde muito cedo – do contrário, não teria arriscado ajudar aquela senhora com seu filho semimorto nos braços. “Um humanista que se alimenta da ciência para o bem do homem”, define-se.

Em 28 de abril deste ano recebeu o título de Professor Emérito por seus 44 anos de trabalho na instituição em que segue atuando como pesquisador e professor.

Família - Manfroi casou com Lília, campeã brasileira de esgrima. Os três filhos do casal moram em Santa Catarina com os três netos. “Todos gostam de gente”, comenta, com jeito de dever cumprido. Na infância, viveu no meio do mato e brincou com índios. Aos 11 anos planejou uma fuga e andou quilômetros. Na juventude, leu Homero e morou na terra de Erico Veríssimo. Dorme apenas quatro horas por dia, faz caminhadas e escreve livros. Manfroi também é membro da Academia Rio-Grandense de Letras.



Fotografo lugares em demolição, abandonados e em *Decomposição*, motivada pela necessidade de trazer à tona questões do mundo contemporâneo, o qual, em constante transitoriedade, caos e reorganização, privilegia o esquecimento do passado e o abandono do que um dia teve utilidade para a sociedade.

Esses lugares não perderam totalmente suas características e estrutura, preservam as marcas deixadas por outras pessoas e pelo

tempo e permanecem em um certo "limbo", aguardando sua demolição, venda ou até mesmo reforma. Organizo, com a fotografia, esses espaços, buscando resíduos de um passado agora adormecido. A beleza surge da luz que os invade, resultando no registro calculado desse aspecto misterioso e devastador. O olhar percorre a imagem, buscando reconhecimento e, ao mesmo tempo, detalhes esquecidos em meio à destruição, e o que foi perdido fica à margem, mas ainda pode ser visto como belo.

TEXTO E FOTOS LÍLIAN SANTOS GOMES

DECOMPOSIÇÃO:

tempo, lugar e suas marcas



**LÍLIAN
SANTOS
GOMES**

FORMADA EM ARTES VISUAIS PELO INSTITUTO DE ARTES/UFRGS (2007). PARTICIPOU DE DIVERSAS EXPOSIÇÕES EM PORTO ALEGRE, SALÕES EM SÃO PAULO E BELÉM/PA. EM 2008, RECEBEU O PRÊMIO DE INCENTIVO À CRIATIVIDADE DO 18.º SALÃO DE ARTES PLÁSTICAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE.